

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA
CAMILA PEREIRA COSTA.

ECOMUSEU DA SERRA DE OURO PRETO/ NÚCLEO SÃO SEBASTIÃO:
SUBSÍDIOS PARA UM PLANO DE GESTÃO COMPARTILHADA.



OURO PRETO
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA - EDTM
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA - DEMUL

Camila Pereira Costa

ECOMUSEU DA SERRA DE OURO PRETO/ NÚCLEO SÃO SEBASTIÃO:
Subsídios para um plano de gestão compartilhada.

Ouro Preto, MG

2024

CAMILA PEREIRA COSTA

ECOMUSEU DA SERRA DE OURO PRETO/ NÚCLEO SÃO SEBASTIÃO:

Subsídios para um plano de gestão compartilhada.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Museologia
da Escola de Direito, Turismo e Museologia da
Universidade Federal de Ouro Preto, como pré-
requisito para obtenção do título de Bacharel
em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Yara Mattos.

Ouro Preto, MG

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C837e Costa, Camila Pereira.

Ecomuseu da Serra de Ouro Preto/ Núcleo São Sebastião
[manuscrito]: subsídios para um Plano de Gestão Compartilhada. / Camila
Pereira Costa. Camila Pereira Costa. - 2024.

68 f.: il.: color., tab., mapa. + QR Code com vídeo que abrange o
cotidiano da Comunidade São Sebastião..

Orientadora: Profa. Dra. Yara Mattos.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Museologia .

1. Comunidade e universidade - São Sebastião (Ouro Preto, MG). 2.
Patrimônio Cultural. 3. Patrimônio cultural - Proteção. 4. Memória
coletiva. I. Costa, Camila Pereira. II. Mattos, Yara. III. Universidade
Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 069

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Camila Pereira Costa

Ecomuseu da Serra de Ouro Preto/Núcleo São Sebastião: subsídios para um plano de gestão compartilhada

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia

Aprovada em 18 de outubro de 2024

Membros da banca

Dra. Yára Mattos - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Márcia Maria Arcuri Suñer - Universidade Federal de Ouro Preto
Carlos José Aparecido de Oliveira

Yára Mattos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 18/10/2024



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela de Lima Gomes, COORDENADOR(A) DE CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**, em 10/04/2026, às 17:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1087722** e o código CRC **FF326DDA**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.004371/2026-03

SEI nº 1087722

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3559-1967 - www.ufop.br

AGRADECIMENTO

A Deus em primeiro lugar, que sempre me conduz com as lições de amor, sabedoria e fé.

Aos meus pais, Cynthia e Antônio e a minha irmã Emília pelo incentivo de sempre. Ao Rafael Amigo e companheiro de todos momentos. A minha Família avós, tios, primos por estar sempre presente.

Em especial a Tia Nida uma das lideranças Comunitárias do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto/ Núcleo São Sebastião, pelo apoio de sucessivamente, pelas ações de grande carinho e zelo pelo coletivo em prol da preservação dos nossos saberes.

Agradeço também a Sebastião pelos belíssimos desenhos onde juntos trabalhamos em prol da preservação do nosso bairro querido.

Gratidão também aos professores e colegas em especial a Nayara e Cristilene.

Para finalizar Gratidão a professora e orientadora Yara Matos pela oportunidade e orientação e pelo afeto grandioso por nossa Comunidade Sebastianense.

RESUMO

O trabalho em questão aborda, como o objeto de estudo - o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto/Núcleo São Sebastião, através do seu patrimônio humano, cultural e natural - se encontra vivo e preservado neste território. Nosso estudo procura explorar, através de um diagnóstico das potencialidades do capital cultural e humano, os subsídios para a realização do plano de gestão compartilhada a ser construído num futuro próximo. O objetivo da pesquisa gira em torno da preservação das vivências passadas e presentes através da memória coletiva do território e da participação da comunidade, instigando a sua relação afetiva. Durante a realização da pesquisa foram entrevistadas um total de quinze pessoas, organizadas por temas: artesanato, gastronomia, patrimônio cultural e troperismo, observada a dinâmica de roda de conversa para cada tema abordado. Tal dinâmica permitiu o levantamento desejado para a construção de elementos que poderão balizar os subsídios que irão constituir o plano de gestão compartilhada. A monografia conta também com pesquisa bibliográfica e depoimento de moradores ao longo do texto. Para contextualização da história cultural local, encontra-se, na parte final do trabalho, um acesso ao QR Code onde apresentamos visualmente, algumas das ações e momentos de atividades do Núcleo São Sebastião. Além disso, os mapas afetivos também contextualizam a riqueza cultural comunitária existente neste território.

Palavras-Chave: Comunidade São Sebastião; Ecomuseu; Museologia Comunitária; Patrimônio Cultural e Afetivo; Preservação.

ABSTRACT

The work in question addresses as an object of study the Ecomuseum of Serra de Ouro Preto, São Sebastião nucleus, through the cultural heritage that is alive in the community and preserved, it will present the subsidies for the shared management plan to be built. The objective of the research is to preserve the experience and collective memory of the territory, through the participation of the community, instigating the affective relationship. To carry out the research, a total of fifteen people were interviewed, separated by themes: crafts, gastronomy, cultural heritage and drovers in conversation circles, each topic was addressed, bringing results for the subsidies to be worked on in the shared management plan. The dissertation relies on bibliographical research and testimony from residents throughout the text. Contextualizing the local history of the community, at the end of the work there is also access to the QR code where some of our actions and moments of activities at the São Sebastião center will be better visually presented. We also have affective maps contextualizing the community's cultural richness.

Keywords: São Sebastião Community; Ecomuseum; Community Museology; Cultural and Affective Heritage; Preservation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Moinho de vento, Morro da Queimada.....	16
Figura 02 – Ocupação na Serra de Ouro Preto.....	18
Figura 03 –Inauguração após melhoria da Ladeira João de Paiva.....	20
Figura 04 – Caminho Tronco.....	21
Figura 05 - Serra de Ouro Preto, detalhe da prancha “Vila Rica” (1817-1821).....	29
Figura 06 - Logomarca Ecomuseu da Serra de Ouro Preto / Núcleo São Sebastião.....	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Censo do ano de 1804 da Serra de Ouro Preto.....	28
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

ORCALC - Escritório Regional de Cultura para América Latina e Caribe.

ICOM - Conselho Internacional de Museus.

CONAC - Conselho Nacional da Cultura.

LAPACOM - Laboratório de Pesquisa em Arqueologia, Patrimônio e Museologia Comunitária

MNMAMQ – Monumento Municipal Arqueológico Morro da Queimada

PMOP - Prefeitura Municipal de Ouro Preto

UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

APAS – Área de Proteção Ambiental

URS – União Recreativa Sebastianense

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 - ECOMUSEU DA SERRA DE OURO PRETO.....	15
1.1 O Território Serra de Ouro Preto.....	15
1.2 Ecomuseu, Museologia Comunitária.....	23
1.3 Ecomuseu da Serra de Ouro Preto: Origens.....	25
CAPÍTULO 2 - O NÚCLEO SÃO SEBASTIÃO DO ECOMUSEU DA SERRA DE OURO PRETO.....	28
2.1. Características geográficas, físicas, climáticas e humanas.....	29
2.2 Aspectos Culturais, Naturais, educacionais e Patrimoniais.....	32
CAPÍTULO 3 - CONSTRUINDO OS SUBSÍDIOS.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES.....	59

INTRODUÇÃO

A origem das coleções e dos Museus data da antiguidade clássica, diretamente ligada com a maneira de se colecionar. O colecionismo de objetos, com valor afetivo ou não, hábito cultural humano, veio perpassando os séculos XVI e XVII através dos gabinetes de curiosidades, mantidos por nobres e ricos comerciantes onde reuniam um grande número de objetos raros e exóticos, considerados precursores dos Museus na atualidade. No século XVII inicia-se também a ideia atual de espaços museológicos, com a preocupação da preservação da memória e conservação de acervos.

Nos dias atuais os museus brasileiros são acompanhados pelo IBRAM/Instituto Brasileiro de Museus, na sua tarefa de observar as diversas transformações da área no sentido de expandir o conhecimento da importância da preservação de bens culturais, sua comunicação e educação. Museu não é tão somente espaço de “obras primas” de grandes mestres, mas também espaço do encontro, de fala da comunidade, onde se preserva o patrimônio cultural material e imaterial.

A museologia é ciência que estuda os museus, portanto, organiza e conserva o acervo de valor histórico, cultural, artístico e científico. Com o passar do tempo, vai despertar múltiplos e diversos caminhos da dinâmica cultural da vida. Assim sendo, de acordo com as ideias propostas por Rivière (1989), a Museologia estaria no campo da ciência aplicada, a ciência do museu, e estudaria historicamente, o seu papel na sociedade.

No final dos anos 1960, tanto na Europa, quanto na América do Norte, Central e do Sul, iniciam-se propostas museológicas comunitárias e onde posteriormente, vão acontecer diversos eventos relacionados a elas, alguns realizados pelo ICOM/UNESCO. O primeiro momento de debate no Cone Sul, foi em 1972, na Mesa Redonda de Santiago do Chile; depois a criação do Ateliê Internacional para uma Nova Museologia, durante a reunião em Quebec, em 1984, e posteriormente, o Seminário “A missão do Museu na América Latina hoje: novos desafios” que redundou na declaração de Caracas, em 1992.

A partir da vivência no território, a museologia comunitária propõe ações entre o homem indivíduo e o homem social, levando ao desenvolvimento coletivo de uma determinada comunidade.

O Ecomuseu e o Museu comunitário têm como prioridade a valorização dos saberes existentes em um determinado território. Um de seus objetivos é o de sensibilizar a comunidade em prol da preservação de seu patrimônio local, da memória coletiva dos costumes e tradições, visando sempre ao desenvolvimento da coletividade.

A proposta original do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, nasce em 2005, como projeto e posteriormente, como programa inscrito na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto. Em 2008, torna-se parceira do "Projeto de Implantação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada" - coordenação do IPHAN/ Escritório Técnico de Ouro Preto; Prefeitura Municipal de Ouro Preto; Universidade Federal de Ouro Preto; Associação de Moradores do Morro da Queimada. Coordenação Administrativa: Fundação Museu de Arte Sacra de Ouro Preto/MG. Seu objetivo inicial foi a sensibilização - através da valorização cultural e do protagonismo comunitário - das populações que habitam os bairros circunvizinhos às ruínas do Séc. XVIII, situadas no Morro da Queimada e espalhadas pelo Morro Santana, Morro São João e Morro São Sebastião. A proposta contou com Hugues de Varine como orientador/consultor, não só nas questões relacionadas ao próprio conceito ecomuseu/museu comunitário, mas também nas questões relacionadas ao desenvolvimento local, onde atuou juntamente com as lideranças comunitárias dos respectivos bairros.

Este trabalho monográfico possui como recorte espacial, o núcleo São Sebastião, que poderá servir como projeto piloto para a construção de uma proposta de gestão compartilhada para o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto. A ideia é que este modelo possa ser replicado como exemplo aos outros bairros que compõem a respectiva serra.

Nosso trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro, abordaremos a Serra de Ouro Preto e seu complexo territorial natural, cultural e patrimonial, incluindo os primeiros momentos da trajetória do Ecomuseu. O segundo capítulo será dedicado ao Núcleo São Sebastião do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto e suas especificidades. O terceiro capítulo é dedicado à pesquisa empírica, ou seja, à voz da comunidade propriamente dita, organizada em rodas de conversa. As considerações finais irão conter os subsídios para o plano de gestão compartilhada.

O Ecomuseu tem por finalidade, sensibilizar os seus membros sobre a importância da mobilização coletiva em prol do patrimônio. É fundamental a preservação da memória e história local, além disso um dos passos a se percorrer para a sua gestão, resultará em possibilidades de levantamento de recursos necessários ao desenvolvimento local a partir dos costumes cotidianos, dos saberes e fazeres.

Essa proposta, pretende impactar o núcleo São Sebastião do Ecomuseu, acrescentando a

valorização do patrimônio local, fortalecendo suas raízes, permitindo a seus moradores alcançar o desenvolvimento coletivo e sustentável.

O Território São Sebastião, núcleo do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, onde a museologia comunitária se manifesta através de um riquíssimo trabalho de valorização e preservação, apresenta para a comunidade local, novos horizontes em prol de seu desenvolvimento coletivo, a salvaguarda dos costumes e tradições daquele espaço. A partir do entendimento do que representam os ecomuseus e a museologia comunitária, e após concluir o curso superior em Museologia pela UFOP, meus olhares em relação às ações da comunidade, se transformaram e atualmente, percebo o quão importante é a preservação dos saberes e fazeres do meu bairro. Junto a lideranças, trabalho para que todos conheçam o conceito da museologia comunitária e que possam se envolver e se comprometer com a comunidade. É fundamental ter o patrimônio cultural preservado. Tenho amor pela minha comunidade, portanto faço e trabalho pela salvaguarda dos saberes e fazeres com carinho e imenso afeto. Tenho orgulho de pertencer e residir na comunidade do São Sebastião que se transformou num museu de múltiplas vozes. Dessa forma, podemos dar um Viva ao Ecomuseu!

Esse trabalho possui como objetivo geral, a construção de uma proposta de gestão compartilhada para o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto/núcleo São Sebastião. É a contribuição à valorização dos saberes e fazeres da comunidade em busca de caminhos a serem percorridos coletivamente, para chegar um modelo de gestão permitindo a abertura de portas para fontes de recursos econômico sociais, educacionais, ambientais e patrimoniais. Dessa maneira, podemos destacar como objetivos específicos, pesquisar e dialogar com os diversos atores sociais que habitam esse território, buscando o conhecimento e trocando experiências para,

- Sensibilizar o coletivo, em prol da valorização do patrimônio local;
- Intensificar as ações comunitárias, potencializando o desenvolvimento sustentável;
- Construir subsídios para a realização de um projeto de gestão compartilhada, que sirva de modelo aos demais núcleos do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto.

As referências bibliográficas utilizadas na monografia em questão, estão descritas por capítulos. São textos de autores consagrados e com larga experiência na área em questão. No primeiro capítulo, será trabalhado o histórico do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, com foco no núcleo São Sebastião. São utilizados textos de autoria do Hugues de Varine, com destaque para *o Ecomuseu e o Parque, dois Instrumentos Complementares*. Nele, Varine destaca que,

O ecomuseu tornou-se assim um instrumento e um recurso para o desenvolvimento e o planejamento do território da Serra, o que poderá ser bastante útil para a cidade e para seus diversos programas de urbanismo, meio ambiente e cultura. A colaboração ativa dos pesquisadores da UFOP e da Escola de Minas nas áreas de turismo, meio ambiente e conservação de documentos dá ao ecomuseu uma dimensão multidisciplinar que lhe permite estudar, de maneira aprofundada e complementar, a participação da população e a globalidade dos problemas colocados pela valorização do patrimônio, material e imaterial, e do território. (VARINE, 2017. P.02)¹

Outra referência bibliográfica de Varine está contida no livro *Raízes do Futuro*, onde se destaca, o capítulo *O patrimônio a serviço do desenvolvimento local*, que aborda sua larga experiência como consultor internacional, no movimento de construção, em diversos países de ecomuseus e museus comunitários. Ele mostra as possibilidades da museologia inovadora que participa do cotidiano da comunidade, a partir de experiências do seu dia a dia. O livro *Raízes do Futuro* mostra uma visão diferenciada de patrimônio e revela a necessidade de se registrar e ser trabalhado. Este texto será referência para toda a monografia.

A terceira referência do autor é *O Tempo Social* que nos traz aspectos de ações comunitárias, observando e criticando onde for necessário, buscando soluções através de sugestões. Varine ressalta que,

Parte da vida é consagrada a uma atividade de ordem comunitária, onde o interesse pessoal material, físico ou moral não é nem predominante, nem determinante. E continua mais adiante, se, para uma elite, criação significa produção de caráter estético, ligada posteriormente a um patrimônio, para a massa de homens e mulheres de todos os tempos ela é o domínio de uma vida quotidiana, orientada para o futuro, conquista sempre necessária e sempre recomendada, obra coletiva (VARINE, 1987.p. 08).

Outro texto utilizado como referência para todo o trabalho monográfico, de autoria da professora Yara Mattos intitula-se *Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, Itinerário de uma experiência em Museologia Comunitária*, onde fala da trajetória e criação de diversos aspectos que são de suma importância para o tema a ser discutido. Dando continuidade ao referencial teórico, citamos o trabalho de conclusão de curso de autoria da Janis de Paula Alves, integrante do Ecomuseu/núcleo São Sebastião como moradora do bairro. Com o título de *Urbanização e modificação na paisagem do Bairro São Sebastião, Ouro Preto MG: um*

1- VARINE, Hugues de. O Ecomuseu e o Parque, Dois Instrumentos Complementares, 2018. P .02. Traduzido por João Carlos Saraiva de Magalhães – Belo Horizonte/MG

estudo dos anos de 1990 e 2015, cita as transformações na paisagem devido à valorização local do bairro. O sexto texto a ser estudado é *Ecomuseu da Serra de Ouro Preto: relações entre lugar, comunidade e patrimônio* também de autoria da professora Yara Mattos, é referência preciosa, de grande importância para discussão do tema proposto.

Outras referências bibliográficas utilizadas para o desenvolvimento do referido trabalho, são extensas e específicas à Museologia Comunitária. É citado o núcleo São Sebastião em várias delas, onde o tema se refere à gestão compartilhada. No início desta descrição “referencial teórico” citei que seria dividido em capítulos, mas observando e estudando as leituras, serão usadas em todo trabalho:

O texto *O Museu como fórum de cidadania no mundo caminhos e percursos da museologia comunitária*”, de autoria de Yara Mattos e Odalice Priosti, destaca a proposta citada na Carta de Belém, durante o Seminário de Implantação do Ecomuseu da Amazônia como diálogos e soluções de problemas em ecomuseus. Outro texto estudado - de acordo com as referências do livro sobre Museus de Ouro Preto - O capítulo do Ecomuseu, em que abrange vários aspectos que compõem o Ecomuseu da Serra. O livro *Ecomuseu Campos de São José* também foi estudado como fonte de pesquisa no quesito gestão compartilhada.

Como fonte de pesquisa empírica, foram entrevistados 15 moradores locais cujas respostas e colocações comporão os subsídios para o desenvolvimento do modelo de gestão compartilhada do Ecomuseu/Núcleo São Sebastião.

CAPITULO 1- ECOMUSEU DA SERRA DE OURO PRETO

1.1 O Território Serra de Ouro Preto

A Serra de Ouro Preto possui diversas e admiráveis paisagens, de onde podemos visualizar o pico do Itacolomi, marco geográfico da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

A história da ocupação de seu território confunde-se com a formação inicial de Vila Rica. De acordo com o Inventário da Prefeitura Municipal de Ouro Preto (2009), com a chegada das bandeiras na região - a de Antônio Dias e do Padre João de Faria Fialho - que seguiam o fluxo de expedições, na região de Minas, à caça de ouro. Teriam chegado à região da Serra de Ouro Preto no dia 24 de junho de 1698, dia este dedicado à devoção de São João Batista. Por esse motivo se construiu, posteriormente, a capela em sua homenagem nominada São João Batista do Ouro Fino, local onde inicia-se a ocupação dos bairros da referida serra, no início do século XVIII. O local vai se tornar também a principal área de mineração da Vila Rica de Albuquerque. De acordo com Lebourg,

Nestes morros da Serra de Ouro Preto, as ruas abertas ao longo das encostas deixavam, de um lado, lotes de fortes aclives e, de outro, de consideráveis declives. Os materiais mais utilizados nestas construções variam bastante. As rochas empregadas era quartzitos em blocos ou em formações estratificadas que, como lajes, foram largamente empregadas em Vila Rica. As rochas talcosas e maciças geralmente utilizadas eram a pedra sabão ou de panela. As madeiras aproveitadas a canela preta, a braúna, a candeia, a canela-de-ema, os coqueiros chamados de palmito, as taquaras e as samambaias arborescentes. Usa-se ainda canga, areia, cal e ferro. (LEBOUR, 2006. p. 15)²

²LEBOURG, Elodia Honse. **Vila Rica, 1720: História, Sedição e Arquitetura**. Ouro Preto: Faop, 2006. p. 15. Monografia.

Figura 01 - Moinho de vento, Morro da Queimada



Fonte: Márcio Luiz, 2024

Conhecido como Arraial do Ouro Podre ou Arraial do Pascoal, que leva esse nome por ter sido explorado pelo comerciante português Pascoal Da Silva Guimarães, que viajou do Rio de Janeiro para Ouro Preto atrás de riquezas, no final do século XVII. Sendo assim, a região resultou em um importante núcleo minerador e precursor da formação da Vila Rica de Albuquerque, recebendo, no Império, o nome de cidade de Ouro Preto. (MATTOS, 2010). Neste mesmo local surgirão as primeiras capelas a partir de 1720. Ano do movimento denominado Sedição de Vila Rica, que destruiu pelo fogo, parte do aglomerado humano localizado neste território, que ficou conhecido como Morro da Queimada, local de onde saíam as riquezas provenientes da extração do ouro. Com a queda da produção aurífera em 1760 a população aí residente abandonou as terras e as atividades de exploração, fato que enfraqueceu o desenvolvimento econômico da região.

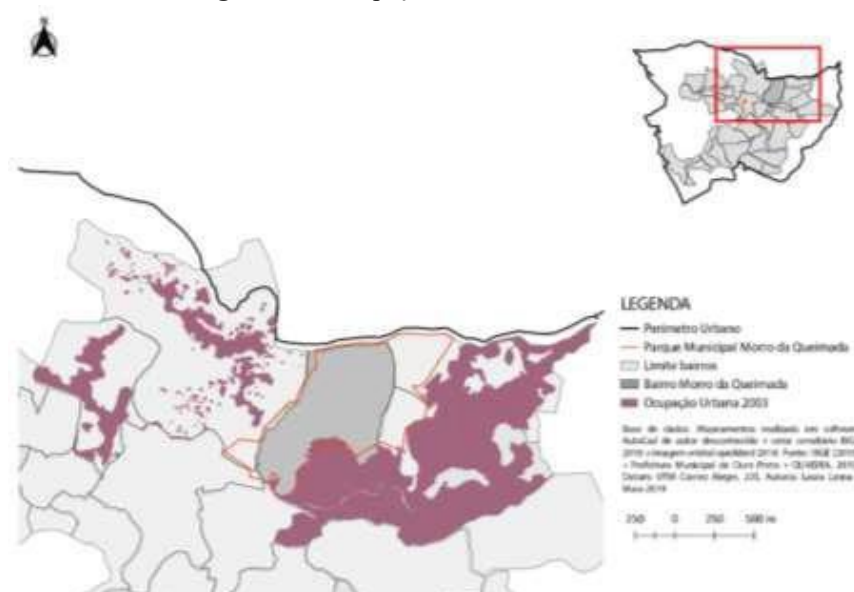
O território ficou em ruínas por 200 anos, voltando a iniciar o povoamento, no final da década de 1950. Mas o crescimento populacional urbano desordenado vai contribuir para a descaracterização da área e consequente perda de parte do patrimônio em ruínas, que já

estava sendo utilizado para novas construções. Atualmente, uma parte desse território constitui-se em um Monumento Natural e Arqueológico formado por vegetação característica de Mata Atlântica e da Serra do Espinhaço, além das ruínas preservadas e protegidas.

O Morro da Queimada, além de integrar a Serra de Ouro Preto é considerado um importante testemunho arqueológico “das primeiras tipologias arquitetônicas da cidade” (OLIVEIRA, 2006 Apud LEBOURG, 2006, p.18). Sendo assim:

Os registros históricos e documentais demonstram que a Serra de Ouro Preto, ao norte geográfico, foi ocupada desde as origens da cidade, no fervor do ciclo do ouro, também marcado por conflitos e revoltas que acabaram por atribuir a denominação de Morro da Queimada ao território. A região passa por processo de esvaziamento quando as atividades de exploração mineral de ouro entram em fase de decadência, a partir do final do século XVIII, mas a historiografia assinala que as atividades não cessam por completo no início do século XIX. Naturalmente, outras frentes e atividades se abrem em apropriações, depois de um período de esvaziamento, sobretudo, quando a cidade retoma o seu crescimento econômico, a partir da década de 1950. O fenômeno que se desencadeia ao longo do século XX será, portanto, analisado neste recorte temporal até a atualidade, como um processo de (re) ocupação do território (BUENO, 2017, p. 176).

A reocupação do território da Serra de Ouro Preto, inicia-se a partir do século XX. Com o crescimento populacional do centro da cidade e a chegada de indústrias nos anos de 1960 e 1970, entre elas, a Alcan Alumínio do Brasil (Aluminium Limited), juntamente com a criação da Universidade Federal de Ouro Preto em 1969, foram nascendo novas ocupações na Serra, sendo criado bairros em extensões íngremes. Locais estes denominados: Morro São João, Morro Santana, Piedade e Morro da Queimada. (Inventário da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 2009). Com a falta de planejamento, as ocupações das áreas de encostas nos morros foram crescendo ao ponto de, em certas partes, se confundir ao perímetro delimitado pelo sítio arqueológico. É perceptível o reaproveitamento das estruturas das ruínas como paredes e muros das novas construções, onde se pode visualizar no mapa da autora Fernanda Bueno (2003), a ocupação se aproximando, cada vez mais, do sítio arqueológico preservado.

Figura 02 – Ocupação na Serra de Ouro Preto

Fonte: Fernanda Bueno, 2017

A urbanização das comunidades se constituiu de forma desordenada e sem planejamento. No passado, pelos anos de 1970, não havia muitos habitantes, o número crescente de residências teve início dois anos após, em 1972, devido à chegada da luz elétrica, da água encanada, das ruas calçadas e bem delineadas, facilidade de acesso, fato que contribuiu para que a ocupação se desenvolvesse cada vez mais desorganizada. Importante ressaltar que anos antes, por volta de 1950 houve a ideia de planejamento urbano, mas que infelizmente, não se concretizou. Já nos anos de 1980/1990 a ocupação foi se espalhando para as áreas de encostas e morros, configurando uma situação de crescimento desordenado que foi se alastrando com sérios riscos de acidentes no período das chuvas fortes. Foram surgindo, então, alguns movimentos da sociedade civil organizada para a proteção de parte do patrimônio ecológico da Serra de Ouro Preto.

A ausência de planejamento das ocupações nos Morros, foi tratada em audiência pública na Câmara Municipal de Ouro Preto, no ano de 2001, sendo abordado os *Projetos anteriores de preservação para a Cachoeira das Andorinhas e as Ruínas do Morro da Queimada*, resultando em medidas restritivas para as referidas ocupações, tornando-se necessário observar o perímetro das áreas dos dois parques.

Vale ressaltar alguns antecessores ao processo de implantação, no qual se percebe a preocupação do município em se preservar a área, como no que consta o Plano Diretor do Município de Ouro Preto de 1996, instituído pela Lei Complementar Municipal nº 01/96, que já previa estabelecer a destinação da área para criação do

futuro parque arqueológico. E, ainda, na retificação dos limites do Parque Natural Municipal das Andorinhas (PNMA), o Projeto de Lei nº de 2002 e o Decreto 42.912 de 26 de setembro de 2002, em que se insere o sítio arqueológico nos limites do PNMA. Posteriormente, em 2003, devido às características distintas de ambas as áreas, decide-se por instituir dois parques diferentes, o Parque Natural Municipal das Andorinhas (PNMA) e o Parque Natural Municipal Arqueológico do Morro da Queimada (GONÇALVES, 2022, p. 37).

Representantes da UNESCO estiveram na cidade de Ouro Preto em abril de 2003 para aferir a preservação do conjunto arquitetônico e seu entorno, titulado patrimônio mundial da humanidade, em 1980. Na ocasião, foi avaliado o patrimônio ambiental do Parque Arqueológico do Morro da Queimada com intuito de proteger e preservar os vestígios arqueológicos em toda a sua extensão. Aconselhada pela UNESCO, a Prefeitura inicia o projeto de Implantação do MMAMQ, mas, somente no ano de 2005 com coordenação do IPHAN e do Comitê Consultor Municipal de Ouro Preto, foi sancionado em audiência pública o projeto de Implantação do MMAMQ pelo Ministério da Cultura (MinC) do Governo Federal. A implantação tem o intuito de preservar e proteger o patrimônio ambiental em situação vulnerável (Inventário da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 2009).

A necessidade de criação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada surgiu sob a perspectiva de proteção de um patrimônio que foi sendo aos poucos dilapidado, tanto pelo poder público local, quanto por parte da população que veio ocupando novamente, ao longo do tempo, a região. Dentre os objetivos para sua criação, podemos destacar: ampliação das pesquisas históricas por meio de programas de escavações arqueológicas, possibilitando um conhecimento mais amplo sobre a cultura material, a história da paisagem, das técnicas e dos objetos usados na mineração (MATTOS, 2007, p. 4).

No mesmo evento foram apresentadas as primeiras ideias *ecomuseológicas* pela professora e museóloga Yara Mattos, à época, atuando no Departamento de Turismo da UFOP e coordenadora do Projeto de Implantação do Ecomuseu. (FERREIRA, 2011, p. 98). No ano de 2009, o Parque passou a se chamar Monumento Municipal Arqueológico do Morro da Queimada pela Lei Municipal nº 465/2008, que por sua vez foi registrado pelo IPHAN, no cadastro nacional de sítios arqueológicos.

Os bairros circunvizinhos ao Monumento Municipal Arqueológico do Morro da Queimada vão se ampliando sem planejamento e perdendo suas características de área paisagística e histórico-cultural, na medida em que interferiam na contemplação da paisagem da região central da cidade (Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 2009).

Já o Morro São Sebastião possui características diferentes dos demais bairros, pela dificuldade de acesso, o que vai contribuir, de forma favorável, ao seu desenvolvimento e

preservação originais. Em 1981, o então prefeito Genival Ramalho vai realizar as melhorias na via pública conhecida por Ladeira João de Paiva, facilitando, dessa forma, o acesso ao bairro. Destacamos dentre as comunidades da Serra, o Morro São Sebastião, por apresentar o recorte espacial estudado e por se constituir no núcleo original do Ecomuseu.

Figura 03 –Inauguração após melhoria da Ladeira João de Paiva.



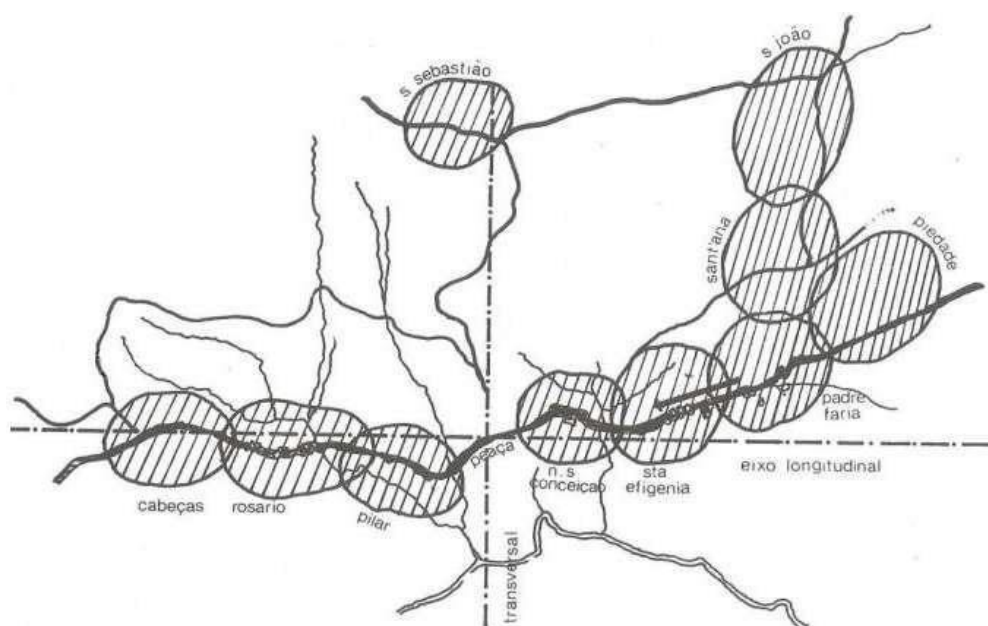
Fonte: João Lima, 1981

A Serra de Ouro Preto é um território complexo ao mesmo tempo natural e humanizado, rica em história, habitado por grupos de baixa renda, alguns profundamente enraizados, outros de instalação recente, que têm uma intensa atividade comunitária, práticas associativas, esportivas, artesanais e religiosas. Cinco bairros se estabeleceram às margens de um maciço que encerra um conjunto de vestígios arqueológicos remontando às origens de Vila Rica e que conservam os traços dos dramáticos acontecimentos de 1720. (VARINE, 2018. p.01)³

3- VARINE, Hugues de. O Ecomuseu e o Parque, Dois Instrumentos Complementares, 2018. P .01. Traduzido por João Carlos Saraiva de Magalhães – Belo Horizonte/MG

A Serra de Ouro Preto é um ambiente privilegiado por possuir diversas belezas naturais, saberes e fazeres, localizado próximo às APAS (Áreas de Proteção Ambiental) da Cachoeira das Andorinhas e do Monumento Natural e Arqueológico do Morro da Queimada, onde se localizam as ruínas preservadas com datação referente ao século XVIII. É um dos pontos mais altos da cidade de Ouro Preto, e se encontra próximo às comunidades do São João, de Santana, do Morro da Queimada e de São Sebastião, território que se faz presente no espaço tombado pelo IPHAN adentro do caminho tronco⁴ da cidade.

Figura 04 – Caminho Tronco



Fonte: Sylvio de Vasconcellos, 1957.

4- Caminho Tronco se deu os primeiros arraiais e assentamentos de ocupação urbana, devido às atividades de mineração do ouro em torno do percurso, “o caminho Tronco se consolida como eixo estruturador da Paisagem colonial.” (NETTO, 2014, p. 61).

Os aspectos culturais, naturais, educacionais e patrimoniais das comunidades da Serra, são múltiplos, onde se preservam riquezas, de aspecto ambiental, natural e cultural, salvaguardando todo este patrimônio material e imaterial dos bairros que constituem o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto. Iniciando pelo Parque Municipal das Andorinhas e o Parque Arqueológico do Morro da Queimada que têm beleza natural resguardada. Distinto fator de ampla importância também, são as nascentes do rio das Velhas e do rio Doce que se faz presente no território. Os templos religiosos são edificações do séc. XVIII, de características preservadas da época, igrejas de grande estima e respeito para as comunidades, pertencem às Paróquias Nossa Senhora do Pilar e Santa Efigênia, ambas da Arquidiocese de Mariana. As escolas e creches são municipais, Escola Municipal São Sebastião e Escola Juventina Drummond (Morro Santana). O Instituto Auta de Souza realiza no Morro Santana diversas atividades artísticas, culturais e profissionalizantes para todas as idades. No Morro São Sebastião há o mosteiro Zen Pico de Raios, que expressa a prática do budismo.

Há ainda o Clube /União Recreativa Sebastianense, o Centro Comunitário Paroquial Padre Simões/núcleo cultural e religioso. No Morro da Queimada a associação possui sede em prol dos habitantes e circunstâncias do bairro. A Casa da Festa do Morro São João, é o espaço anexo à capela onde se reúnem os organizadores da festa do São João Batista. O território contém ainda, campo de futebol nas comunidades São Sebastião, Santana e Morro da Queimada, para lazer esportivo. As festas tradicionais são as religiosas: Festa de Santana, de São João, de São Sebastião e de Nossa Senhora da Saúde. As comunidades se caracterizam pelas realizações das festas, cada uma com suas tradições e costumes, saberes e fazeres do coletivo.

As características populacionais e crenças religiosas se distinguem entre os bairros, no São Sebastião preserva-se o catolicismo, é um povoado de grande devoção ao padroeiro São Sebastião. A População é formada, em sua maioria, por pessoas de famílias nascidas e criadas no bairro, onde os costumes tradicionais estão presentes e são conservados.

Nas demais comunidades da Serra a população é bem heterogênea, entre moradores antigos e outros que vieram residir nesses bairros. Chegaram a essa região a partir da metade do século XX (Inventário Morro São João e Santana, 2009). As comunidades do São João, de Santana, Morro da Queimada e Piedade convivem com diferentes crenças religiosas, em sua grande maioria, católica, protestante (evangélicos), crenças de origem africana e espírita.

1.2 Ecomuseu, Museologia Comunitária

Os Museus Comunitários/Ecomuseus possuem a sua gênese, em três seminários acontecidos no continente Sul Americano em três momentos diferenciados promovidos pelo ICOM Conselho Internacional de Museus/UNESCO, a saber: a Mesa Redonda de Santiago do Chile, em maio de 1972, ocasião em que foi colocado em debate, a atuação dos museus na América Latina. A sua proposição mais importante, foi a definição do conceito de *museu integral* que deveria proporcionar à comunidade em que estava inserido, o entendimento global do seu meio material e cultural.

O segundo seminário aconteceu, no Canadá, em 1984, quando os museus entraram em novas discussões e reflexões, a partir da realização do Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia, daí surgindo a Declaração de Quebec. Dentre os aspectos mais importantes para o nosso trabalho, podemos destacar o surgimento de uma museologia de preocupações mais sociais e menos voltada para coleções; o objetivo dessa museologia deveria ser o desenvolvimento local, com a promoção da revitalização artesanal, agrícola e industrial.

O terceiro seminário aconteceu, oito anos depois de Quebec, em Caracas, na Venezuela, propiciado pelos seguintes organismos: Escritório Regional de Cultura para América Latina e Caribe/ORCALC; Comitê Venezuelano do Conselho Internacional de Museus/ICOM; Conselho Nacional da Cultura/CONAC e Fundação do Museu de Belas Artes da Venezuela. Com uma extensa pauta de reflexões, esse seminário levantou uma série de aspectos, dos quais destacamos quatro deles, por acreditarmos estarem diretamente vinculados aos interesses do tema em questão: A inserção de políticas museológicas na área da cultura; a ação social do museu como ponto de reflexão; o museu como meio de comunicação; o museu e sua gestão. Deste último, é recomendado que “os planos e programas elaborados com instrumentos de planejamento moderno estejam baseados em um diagnóstico das necessidades do museu e da sociedade na qual está imerso” (BRUNO, 2010, p. 79)⁵

O conceito de ecomuseu/museu comunitário se caracteriza por estar associado ao cotidiano das comunidades, onde sua atuação principal é a preservação da cultura popular local. É o museu em seu espaço vivo, preservando os costumes, saberes e fazeres de um território, onde

5- BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord. Edit.). O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: documentos selecionados. Vol.2. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/ Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 79.

é trabalhado a memória afetiva, relacionada com a cultura presente naquela sociedade, é individual e ao mesmo tempo coletiva. A museologia comunitária, possui a função educacional na qual traz a significação dos tempos presente passado e futuro.

Essa nova perspectiva promove uma revisão de conceitos educacionais entre memória, patrimônio e identidade (individual, cultural e social) e de relações entres eles, criando caminhos de formação e informação que produzam saber, conhecimento, através da experiência vivenciada do indivíduo, nas relações e nos processos de interação e identificação com seu mundo...” (MATTOS, 2014, p. 161).⁶

As ações promovidas pela comunidade, são atuações de significados e estima para a história daquele coletivo, o que demonstra a importância de se agregar valor de preservação de costumes, por ser a comunidade a maior envolvida e também seu público principal.

De acordo com o Hugues de Varine, “é na ação que uma comunidade se forja e se faz reconhecer como força política e entidade social de forma total. É na ação que ela adquire as características próprias, que ela existe” (1987, p.101). Através dessa perspectiva e dentre outras, é que as comunidades da Serra de Ouro Preto, se movimentam em torno da preservação de seu patrimônio histórico-cultural e natural, buscando formas de agir nas relações com a coletividade, evidenciando o valor do trabalho comunitário e promovendo a criatividade lado a lado com as lideranças locais. Tal preservação se faz,

(...) Em toda sua dinâmica espaço temporal - seus contextos mais ou menos, próximos: físico - ambientais, econômicos, sociais, históricos, culturais. Dessa forma, neste caso específico, a história nacional e regional é contada através dos fragmentos de memória sob a guarda dos diversos museus da cidade se completa através da história local sob a guarda de uma população que detém, em forma de contos, lendas, manifestações religiosas, festas e folguedos, culinária, música, objetos, a fórmula mágica e viva da recriação dos primórdios da cidade.” (MATTOS, 2010, p.08).

Tomando como base as reflexões acima, iremos caracterizar o Ecomuseu, experiência ímpar inserida no contexto territorial e patrimonial da Serra de Ouro Preto e evidenciando o objeto de estudo do presente trabalho monográfico, o núcleo São Sebastião.

6- MATTOS, Yara. Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, Ouro Preto: Museu/ Paulo Lemos, Raphael Simões (org), 1ª edição – Ouro Preto: Livraria e Editora Ouro Preto, 2014. P.153 a 161.

1.3 Ecomuseu da Serra de Ouro Preto: Origens

Ecomuseu, o museu da comunidade, onde o conceito de patrimônio é entendido por eles próprios, pelo que se preserva, as pessoas são responsáveis pela própria história. Eco podendo significar algo proveniente da natureza, vindo da ecologia ambiental, ou como parte social, da ecologia humana. São os Saberes e fazeres da sociedade, remetendo-se à memória coletiva de quem somos. O Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, inicialmente, compreendeu cinco bairros, situados ao redor das ruínas do Morro da Queimada: Santana, São João, Morro da Queimada, São Sebastião e Piedade, cada um com suas próprias especificidades. O ecomuseu, conceito proveniente do movimento conhecido como Nova Museologia, inicia seu desenvolvimento na Serra, no ano de 2005.

De acordo com Mattos (2014),⁷ a ideia de musealização da Serra teve início durante conversas com participantes do Fórum das Artes/Festival de Inverno de Ouro Preto, em julho de 2005, a partir de dois eventos que ocorreram em sua programação. O primeiro, a oficina denominada *Nas pegadas de Pedro II: aula passeio no Morro da Queimada*, ministrada pelo artista plástico Gelcio Pereira Fortes e com a participação de Juliano Ferreira, morador do referido bairro, como monitor, fazendo o papel de guia local e acrescentando mais conhecimento sobre a região, aos participantes. O segundo, a Mesa Redonda coordenada pela então diretora municipal de cultura de Ouro Preto, denominada *Modelos de Gestão Museológica e a Inclusão Social: ecomuseu*, parte do Seminário *O Museu e as Cidades*, contou com a presença da coordenação do IPHAN e com especialistas no assunto.

Distinto do museu tradicional, seu público principal é a própria comunidade, onde a mesma salvaguarda os aspectos culturais, naturais, o patrimônio material e imaterial, desempenhando o papel de uma sociedade ativa e participativa, resguardando a identidade do coletivo.

As comunidades envolvidas constituem o público alvo do ecomuseu, pois há necessidade de sua participação ativa, criadora, colaboradora e não mais contemplativa, de espectador. Trabalhamos com questões afetivas, cognitivas e volitivas relacionadas à cultura viva, a memória presente para transportá-la ao passado por meio de ações que possuam sentidos e significados, contribuindo assim para a ampliação e socialização da produção de bens, serviços e informações culturais (MATTOS, 2014, p.158).

7- MATTOS, Yara. Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, Ouro Preto: Museu/ Paulo Lemos, Raphael Simões (org), 1ª edição – Ouro Preto: Livraria e Editora Ouro Preto, 2014. P.153 a 161.

As coleções do museu comunitário em questão, permanecem com os moradores locais sem sair do seu contexto originário e, passam por inventários, mas permanecem com seu detentor e fazem parte da sua história de vida. Reconhecido também como museu de território, aberto ao público visitante, onde o processo museológico está intrinsecamente ligado à comunidade, o que faz com que as diferenças sociais sejam minimizadas. De acordo com Mattos (2014), “o ecomuseu possui uma lógica de território, ou seja, não está instalado em um prédio específico. Dessa maneira, suas coleções são referenciadas levando-se em conta o patrimônio cultural e natural da região, bem como o patrimônio familiar” (Idem, p.158).

Os saberes, fazeres, histórias e experiências, constroem a memória coletiva do território onde, pouco a pouco vai se aperfeiçoando o conceito Ecomuseu na comunidade, valorizando e preservando costumes e tradições. Constituindo-se, inicialmente, em um programa de extensão universitária do curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, coordenado pela professora Yara Mattos, foi apresentado às comunidades da Serra, o conceito de Ecomuseu, especificando a importância do cotidiano dessas comunidades, os saberes culinários, os saberes do artesanato, o patrimônio edificado constituído pelas capelas, as festas tradicionais dos bairros, o patrimônio arqueológico e natural e variados saberes culturais característicos desta localidade ouropretana.

Através também da parceria com a universidade, é presente no território da Serra, o trabalho do Laboratório de Pesquisa em Arqueologia, Patrimônio e Processos Museológicos Comunitários (LAPACOM/DEMUL), coordenado pela professora e arqueóloga Marcia Arcuri do departamento de Museologia, onde busca a troca de saberes e experiências entre universidade e comunidade, através da arqueologia comunitária, no Monumento Arqueológico e Natural do Morro da Queimada e adjacências, com a participação dos discentes do curso de Museologia e professores e alunos da Escola Juventina Drummond, zelando pela preservação do acervo arqueológico neste território. “Os processos museológicos comunitários são instrumentos fundamentais ao homem indivíduo e ao homem social, contribuindo para resolução de tensões e desafios enfrentados ao longo do processo de vida. Instrumentos que possam servir ao desenvolvimento integral” (MATTOS, 2010, p. 10).

O acervo do Ecomuseu é composto por tudo que se cria, que se valoriza e se preserva por fazer sentido à memória coletiva das comunidades. Os costumes e as tradições compõem o acervo do ecomuseu na sua plenitude: são as tradicionais festas católicas provenientes das

irmandades, são as capelas de São João, Santana e São Sebastião que possuem amplo valor para a fé católica. O sítio arqueológico de ruínas preciosas do Morro da Queimada, o Parque das Andorinhas, localizado em área de preservação ambiental (APA) aonde se vislumbram belas paisagens e cachoeiras. De acordo com Ione Mattos (2010), “a memória humana, individual ou coletiva, é um arquivo vivo em permanente reconstrução”.

Dessa forma,

Fazer *sentido* se refere a se a pessoa, tendo por base suas memórias de informações e experiências anteriores, consegue compreender o item de informação em questão. Ter *significação*, por outro lado, refere-se ao reconhecimento, pela pessoa, da relevância que o item de informação pode ter para si própria e para seus propósitos de vida (...), portanto, a atribuição de sentido e significado é tarefa transformadora daquele que aprende (MATTOS, 2010, p.132).

CAPÍTULO 2: O NÚCLEO SÃO SEBASTIÃO DO ECOMUSEU DA SERRA DE OURO PRETO

O Morro São Sebastião está inserido na Serra de Ouro Preto, é um dos núcleos do Ecomuseu e se localiza próximo ao Parque Municipal das Andorinhas (APA) e ao Parque Arqueológico do Morro da Queimada ao Norte da cidade. Hospitalidade e tranquilidade são características do bairro São Sebastião. De acordo com informações do inventário da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, sua história se confunde com a formação de Vila Rica, pois seu povoamento se inicia entre 1700-1730.

Seu povoamento se inicia com as primeiras bandeiras que chegaram à região, notadamente as de Antônio Dias e do Padre Joao de Faria Fialho, que acompanhavam o fluxo intenso de expedições que se lançavam as minas em busca de ouro. Os membros das bandeiras teriam chegado à região no dia 24 de junho de 1698, dia de São Joao Batista. Por tal motivo foi erguida, segundo a tradição, sob a liderança de Antônio Dias e com a benção do Padre Faria, uma capela em homenagem ao santo, capela que também seria chamada de São Joao Batista de Ouro Fino. De lá partiram para a ocupação dos morros que compõem a Serra de Ouro Preto, dentre eles o do Morro São Sebastião. (Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 2009).

De acordo com o Inventário da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, em 1804, pelo censo documentado, os Morros da Serra de Ouro Preto apresentavam uma população de 685 homens e 624 mulheres, sendo que o Morro São Sebastião aparece como o quinto mais populoso da tabela.

Tabela 01- Censo do ano de 1804 da Serra de Ouro Preto.

Morros	Propriedades	Habitantes
Morro dos Ramos	11	41
Morro São Sebastião	24	57
Jacutinga	9	26
Ouro Podre	8	47
Ouro Fino	11	52
Queimada	22	113
Lages	7	54
Caminho Novo	49	325
Morro de Piedade	17	106
Morro de Santana	50	244
Córrego Seco	4	35
Morro São João	40	189
Total	252	1289

Fonte: Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 2009

Figura 05 - Serra de Ouro Preto, detalhe da prancha “Vila Rica” (1817-1821)



Fonte: Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 2009.

2.1. Características geográficas, físicas, climáticas e humanas

O clima predominante da região é o tropical de altitude, sendo que, entre os meses de outubro e fevereiro a estação é chuvosa, de julho a agosto a estação é seca (Castaneda, 1993). O local é caracterizado pela declividade dos terrenos e pelas altas altitudes que variam entre 989m e 1890m com média de 1116m. (Inventário da Prefeitura Municipal de Ouro Preto). O bairro possui difícil acesso, é uma das comunidades mais altas da cidade.

Para chegar ao morro existem dois trajetos: pela Ladeira João de Paiva, onde é íngreme, e os veículos trafegam com dificuldades, inclusive, quando chove, não é seguro subir por lá, apesar de levar somente sete minutos a partir do centro e passando próximo ao prédio da antiga Escola de Minas (hoje, Museu de Ciência e Técnica/EM/UFOP), à Rua Henri Gorceix, perto da Praça Tiradentes. O caminho do morro possui belíssimas paisagens, em especial o Mirante Alto da Girândola de Fogos é ponto turístico da cidade, com vista perfeita para o centro.

O segundo acesso é pela Rua Quinze de agosto, passando pelas outras comunidades da Serra: Morros da Queimada, Santana e São João. A via é movimentada devido ao fluxo dos bairros e trajeto do transporte público, porém é menos íngreme do que o primeiro acesso. Devido à localização do São Sebastião ser mais adiante, o morro se conserva em um território de grande beleza natural, tranquilo e familiar, onde a preservação do sossego está em primeiro lugar. As casas dos moradores possuem características peculiares, simples e aconchegante,

a maioria possui área externa, com flores, hortas, espaço para encontros festivos aonde reúnem convidados da comunidade.

O Morro São Sebastião é uma região de particularidades únicas. A temperatura média anual varia de 17.4° C a 21.8°C; no inverno é inferior a 18°C e no verão é inferior a 24°C. As rochas pertencem ao grupo carraca, constituído basicamente de quartzito fino, quartzito filítico, filito e conglomerado. O relevo, segundo o Guia Emater 2008 é do tipo Serras. Ouro Preto possui um relevo predominantemente montanhoso, característico do conjunto da Serra do Espinhaço, ao qual pertence. (Inventário da Prefeitura Municipal de Ouro Preto).

Os progressos da comunidade se iniciam com a luz elétrica que chegou no dia 27 de outubro de 1934 pela Companhia Ouro-pretana, mas, de início era somente iluminação elétrica noturna. Em 1966 passa a ser ofertada pela Cemig. A água era retirada da fonte e carregada em latas; já no ano de 1960 o prefeito da época, Dr. Orlando Ramos abriu o poço artesiano e fez o encanamento correto da água. Em 1965 inaugura-se a sede própria da Escola São Sebastião. Em 1968 cria-se a Unidade de Conservação da Cachoeira das Andorinhas.

O calçamento de pedras da ladeira de acesso pela Rua Henri Gorceix, foi inaugurado no dia 5 de julho de 1981 pelo prefeito à época, Alberto Caram. O transporte coletivo, chegou em 1985, a empresa tinha o nome de Garças Brancas. O primeiro telefone fixo foi instalado na casa do Sr. Valentim e da Sra. Maria Conrada e o funcionamento era realizado através de mensalidade para sócios no valor atual de R\$ 1,00.

Em 1995, A Companhia Telemar expandiu o serviço de telefonia e, neste mesmo ano, a rede de esgoto chegou para alguns moradores, cujas instalações só foram finalizadas para todos nos anos 2000, durante a gestão da prefeita Mariza Xavier. Diversas demandas foram realizadas neste período, como o posto de saúde, o trabalho do correio, a coleta de lixo.

Em 2005 é aprovada a Lei do Projeto Arqueológico do Morro da Queimada e novos limites da Unidade de Conservação do Parque Natural da Cachoeira das Andorinhas. Em 2006 são realizadas obras de calçamento em vias do bairro; em 2008 inicia-se a construção da quadra de futebol. Os progressos urbanos avançam paulatinamente, em concordância com os moradores e de maneira coletiva.

A Comunidade é uma das mais antigas da cidade, isso faz com que ela conserve algumas características singulares em relação a hábitos e costumes. A maioria das pessoas que mora neste entorno nasceu e cresceu neste lugar, todos se conhecem e possuem algum vínculo, mesmo que seja de forma inconsciente. A população tem o compromisso de preservar as tradições locais. Analisando a classe econômica dos moradores, essa se encontra entre média

e alta. São comerciantes, professores, costureiras, empreendedores, funcionários públicos, artesãos, aposentados, estudantes universitários, médicos, estrangeiros etc.

As relações entre os habitantes, de maneira geral, são bastante cordiais, de união; ainda existe no morro, vizinhos que se solidarizam uns com os outros; a maioria são núcleos familiares, acontecendo, em muitas ocasiões, casamentos na comunidade com pessoas da própria família, dessa maneira, acaba se formando uma grande genealogia. Os sebastianenses são hospitaleiros e agradáveis, fieis à comunidade, onde defendem a paz e o respeito, resguardam uma essência de preservação e pertencimento local. Grande parte da população concerne à igreja católica, onde é muito forte o seu envolvimento diante da fé religiosa proveniente do Vaticano.

A coordenação comunitária é desenvolvida pelos coletivos: Mulheres do Morro, Ecomuseu da Serra de Ouro Preto /Núcleo São Sebastião, Irmandade São Sebastião/Paróquia Nossa Senhora do Pilar e Associação Comunitária. Lutamos em prol de melhorias e preservação do sossego em nosso bairro, diversas vezes o povo se reúne e resolve demandas que seriam de dever do poder público, mas os sucessos são das lutas coletivas do povo sebastianense, onde a maioria são mulheres, até mesmo nas festividades locais quem lidera são elas. Atualmente a luta política coletiva é pela preservação da tranquilidade e do meio ambiente, diante do crescimento populacional da Serra através de condomínios e estradas que vêm sendo construídos ao logo de nosso território. A população percebe que com união, diálogo, respeito e luta tudo fica mais fácil para se resolver. Existem questões em litígio, uma delas é a Estrada da Purificação, realizada pela empresa Samarco Mineradora, é uma condicionante para o município, com apoio da prefeitura e sem diálogo com as comunidades. Ocupa caminhos já traçados no passado histórico e liga a Serra de Ouro Preto ao distrito de Antônio Pereira, com o discurso do poder público que se trata de uma estrada para utilidade comunitária. Mas não há consenso, devido à crença, por parte da comunidade, na possibilidade de se transformar num corredor minerário colocando os moradores em risco. A comunidade através do diálogo, reivindica o respeito aos residentes tem preocupação com o aumento do tráfego nas vias de acesso ao bairro, sem as melhorias necessárias e já solicitadas à Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Desta forma, solicita o reconhecimento do bairro São Sebastião como atingido pelo forte impacto desse fluxo automotivo.

A segunda estrada nomeada Granjeiras é outro problema no cenário atual, pois a prefeitura sem estabelecer diálogo com os moradores dos bairros da Serra, executa a via de forma sorrateira. A comunidade quer analisar as propostas viáveis, conjuntamente, para não impactar, mais uma vez, moradores e núcleos urbanos. São diversas as lutas envolvendo

diferentes áreas de poder e os coletivos buscam melhorias da qualidade de vida sem destruir o patrimônio local e o meio ambiente.

2.2 Aspectos Culturais, Naturais, Educacionais e Patrimoniais

A seguir, apresentaremos uma análise dos elementos que são pontuados pelos moradores locais em diversas situações, durante as vivências cotidianas do bairro. Esses elementos vão aparecer desenhados nos mapas que se encontram neste trabalho (apêndice) e possuem caráter fundamental para a organização dos subsídios para o plano de gestão compartilhada, Objeto de pesquisa desta monografia.

São eles,

Capela São Sebastião

Os moradores que têm grande apreço pelo bairro, possuem um grande zelo e cuidado pela Capela, aonde não se mede esforços para se preservar. A Capela se constitui em um dos primeiros exemplares da arquitetura religiosa implantada pelos bandeirantes, sua data de inscrição na tarja do arco do cruzeiro é de 1753. Filial à Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, concerne à Arquidiocese de Mariana. Na formação dos arraiais em Ouro Preto, a maior preocupação dos locais isolados na cidade, era a construção das Capelas, onde naquela ocasião a religião católica tinha um lugar especial, dessa forma, segundo o Inventário da Prefeitura Municipal de Ouro Preto (2009) a Capela, em sua primeira construção, foi erguida entre 1708 e 1720 e, com o incêndio do arraial de Pascoal da Silva (o "morro trágico" de Ouro Preto ou "Morro da Queimada") a antiga capela pegou fogo e se misturou aos estragos abrasados do arraial dos Paulistas. A construção da atual capela foi iniciada em meados do século XVIII, ainda de acordo com o inventário citado acima.

Situada na Praça São Sebastião, no bairro de mesmo nome, sua fachada foi construída de forma simples, contendo frontão triangular que ao centro, traz um óculo pequeno, proporcional ao tamanho da edificação, arrematado por cruz em pedra, possuindo ainda, nas laterais, duas sineiras em cantaria. A torre é independente, construída na lateral da capela. No seu interior possui o retábulo mor dedicado ao padroeiro São Sebastião e à co-padroeira Nossa Senhora da Saúde, havendo uma ornamentação harmoniosa sem muitos detalhes. A sacristia é situada em sua lateral esquerda, onde possui uma porta que dá acesso ao adro. A Capela São Sebastião encontra-se em bom estado de Conservação, sem patologias de grande relevância, que leve a sérios riscos. As celebrações da missa são aos sábados, às 15 horas;

terços, hora santa e catequese também acontecem semanalmente. A Capela possui tombamento pelo IPHAN dentro do conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Preto, em 1938 (Processo: 075-T, Livro: Belas Artes Vol. 1, Folha: 43, Inscrição: 252, Data: 08/09/1939).

Mosteiro Zen Pico de Raios Ouro Preto MG

É um espaço isolado, cercado de paisagens montanhosas em contato direto com a natureza, aberto ao público visitante para prática do zen budismo. Sua fundação foi em 1984, pelo Mestre Ryotan Tokuda e está situado próximo ao Parque Municipal das Andorinhas e ao Parque Arqueológico do Morro da Queimada. O mosteiro tem contato com a comunidade sebastianense desde a sua criação, em forma de compensação, proporcionou diversas atividades culturais como, oficinas voltadas para o público infantil, programação de férias, festa juninas, técnicas especiais através de profissionais qualificados em medicina oriental, onde se oferecia aulas de movimentos corporais, acupuntura, massagens relaxantes, ventosaterapia e etc. Nos dias atuais essas atividades estão suspensas, devido à troca constante de monges.

Escola Municipal São Sebastião

A Escola do Bairro, como era conhecida, teve sua primeira sede instalada na Ladeira João de Paiva, anos após, passou a funcionar no prédio da Sociedade Beneficente Nossa Senhora da Saúde, com três níveis de turmas em apenas uma sala, fazendo com que o quadro negro fosse dividido em três partes. Mesmo assim, com toda essa dificuldade, diversos alunos se formaram e se qualificaram profissionalmente. Somente no Ano de 1965, a Prefeitura Municipal de Ouro Preto inaugurou o prédio da Escola na rua Rio de Janeiro, cujo prefeito à época era José Benedito Neves. Interessante destacar que a edificação pertencia ao município, mas a sua gestão, ao Estado.

A primeira coordenadora foi Maria José Pereira, que tinha apenas o ensino fundamental. Trabalhavam a coordenadora que fazia o papel de professora e mais duas, e a cantineira, que cuidava do Lanche dos alunos. A escola formou diversos moradores da comunidade, mas também alunos dos bairros vizinhos. A comunidade sempre foi parceira e colaboradora da escola, cuja maioria dos profissionais era residente no morro, onde tudo acontecia de forma respeitosa com nossos costumes e saberes (De acordo com os depoimentos de Maria Auxiliadora Neto Pereira e Nilza Alves Pereira).

De acordo com a diretora aposentada Maria Auxiliadora Gomes Pereira e Gomes a escola já teve vários nomes:

Escola do Morro do Ouro Podre, Escola da Sociedade, Escolas Combinadas São Sebastião; Escola Estadual São Sebastião; Escola Municipal São Sebastião, hoje finalmente com o seu prédio próprio. Mas não importa os vários lugares onde funcionou, o objetivo sempre foi e deve continuar sendo um lugar acolhedor para que nossas crianças sejam educadas com carinho, cuidado e um bom ensino. Vamos então continuar zelando e vigiando a nossa escola que é um patrimônio e história do bairro São Sebastião. (Maria Auxiliadora Gomes Pereira e Gomes).

Atualmente a escola possui poucos profissionais moradores do bairro atuando nela, e hoje, o prédio abriga também a sede da creche São Sebastião que aceita crianças a partir de um ano de idade e vai até quinto ano do ensino fundamental.

Centro Comunitário Paroquial Padre Simões

Casa Paroquial é seu antigo nome, antes da inauguração de parte do prédio pronto para sua utilização. Localiza-se próximo à Capela São Sebastião e foi construído pelos moradores locais, fruto da fé e esforço comunitário. Antes de sua construção as atividades da Igreja aconteciam no prédio da Sociedade Beneficente Nossa Senhora da Saúde, e o primeiro passo para essa construção se deu na Mesa Administrativa da Irmandade São Sebastião, com o Provedor José Carlos da Costa e foi iniciada em 1994. Em comunhão com os residentes do bairro, foi escolhido o estilo colonial, respeitando a ambientação do entorno. O prédio não está totalmente concluído, faltam dois cômodos e o porão para terminar. O Centro Comunitário Paroquial Padre Simões, nos dias atuais, é palco para diversas atividades comunitárias, entre elas, a catequese e a conferência São Vicente com encontros semanais. Oficinas e reuniões em datas especiais, também são agendadas pelos coletivos. A vendas dos característicos pasteis se dá apenas nas festas de São Sebastião e Nossa Senhora da Saúde.

O prédio é comunitário, mas pertence à Igreja, onde as despesas mensais são quitadas pela Paróquia Nossa Senhora do Pilar. O Título Centro Comunitário Paroquial Padre Simões se deu em homenagem ao Cônego José Feliciano da Costa Simões. Pároco durante 50 anos e amigo, da comunidade São Sebastião. Atualmente o espaço é usado com grande frequência, infelizmente os outros espaços comunitários do bairro não se encontra em condições tão adequadas para recepção do público. A edificação consta com um salão de festas, dois banheiros, cozinha e mais duas salas já concluídas. Sua localização é na Rua Rio Grande, ao lado direito da Capela (Depoimento de José Carlos da Costa).

Sociedade Beneficente Nossa Senhora da Saúde

É outra edificação comunitária, localizada na pracinha e já foi citada diversas vezes no texto acima. Possuía sócios zeladores do espaço e mensalidades pagas pelos seus membros, que eram revertidas em prol da população carente do bairro, para compra de medicamentos, alimentos, vestuário e realização de funerais. O prédio abrigou a escola por anos, serviu também como espaço para reuniões comunitárias; abrigou a capela no período da reforma; veio a ser biblioteca por anos. Infelizmente, devido a uma administração inoperante, o prédio veio ao chão e após este incidente, ficou decidido que a edificação seria doada para a Igreja. Presentemente é um prédio em ruínas que pertence à Irmandade de São Sebastião/Paróquia de Nossa Senhora do Pilar (Depoimentos de Maria Auxiliadora Neto Pereira e Nilza Alves Pereira).

União Recreativa Sebastianense (clube)

É uma sede de festas e recreação do bairro, também uma união de sócios que promoviam domingueiras com muita música e jogos; aconteciam festas juninas; festividades no aniversário da sede; campeonato do time sebastianense ou Carajás; reuniões da comunidade; cursos de pintura, costura e etc. Foi também sede temporária da escola quando ocorreu a reforma, atualmente é alugado para festas particulares e aulas de boxer e ginásticas. Encontra-se em estado de deterioração, precisando de reformas.

Campo de Futebol e Quadra Poliesportiva

É um espaço de lazer onde acontecem campeonatos de futebol e a Festa do Tropeiro da Serra, porém está necessitando reformas urgentes para que possa cumprir o seu papel. A comunidade é pequena, mas seu acervo arquitetônico e urbanístico é diverso e extenso.

O Bairro de São Sebastião, localizado na Serra de Ouro Preto é, certamente, um dos bairros mais interessantes de Ouro Preto. Sua povoação data dos anos de 1700-1730 – diferentemente da povoação ocorrida no Morro São João, ainda no final do século XVII. Juntamente com o bairro São João e o Parque Municipal da Cachoeira das Andorinhas, forma uma nítida diferenciação dos demais bairros da opulência do eldorado. Apesar da antiga origem, o bairro São Sebastião possui poucas tipologias de arquiteturas remanescentes de interesse histórico-cultural, encontrando em destaque as arquiteturas: o par de casas de pedras situadas à rua Rio Piracicaba, a Caixa d'Água datada de 1912, encontrada no sopé da Ladeira João de Paiva (na perspectiva da Rua Nova – Rua Henri Gorceix), a Casa Paroquial, a Capela de São Sebastião e a pequena Capela de Nossa Senhora de Lourdes (encontrada em terreno particular). Destaca-se também, diferentemente de outros bairros inventariados, dois acervos urbanísticos: o Largo de Nossa Senhora da Saúde e o Mirante do Alto da Girândola de Fogos, encravada à meia altura da Ladeira João de Paiva, caracterizando-se como um dos mirantes mais

conhecidos da cidade (Inventário da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 2009, p.10).

O **mirante** situado na ladeira João de Paiva, possui uma das vistas mais bonitas para a Praça Tiradentes, de onde se vê todo o espaço do centro histórico. Construído em pedras, o mirante é datado da segunda metade do século XVII, sendo um dos pontos turísticos da cidade.

O **patrimônio arqueológico** do bairro ainda está por ser descoberto na sua plenitude e caracteriza-se por uma estrutura remanescente de canga, à rua Piracicaba e outra ao lado posto de saúde. As estruturas de pedras são passíveis de serem datadas do Século XVII e início do XVIII, fase da ocupação da antiga Vila Rica (Inventário da Prefeitura Municipal de Ouro Preto).

Patrimônio Imaterial

A comunidade é compromissada com o bem-estar e a preservação do bairro, efetivada nas ações em prol da coletividade. Temos a culinária, caracterizada pela fartura, são diversos quitutes saborosos. O Artesanato também é uma característica da comunidade, onde se tem todo tipo de trabalho (crochê, tricô, bordado, pintura, amigurumi,⁸ etc.). A feira de Artesanato, oficinas, minicursos promovidos pelo Sennar,⁹ acontece várias vezes ao ano. Temos o bloco “Zé Bastião” onde a criançada e adolescentes são os criadores e executores. Juntamente com a Escola Municipal São Sebastião temos a horta comunitária. No mês de dezembro é realizado o Natal na Serra de Ouro Preto, que se estende por três semanas antecedendo o natal, onde o artesanato e a culinária ficam expostos e várias atrações como, realização de oficinas e apresentações do Bloco Zé Bastião se encontram presentes.

Os saberes e fazeres da comunidade sebastianense são diversos, as ações se realizam através da união e trabalho conjunto dos moradores. Frutos colhidos pelo desenvolvimento e

8- Amigurumi é uma técnica japonesa para criar pequenos bonecos feitos de crochê ou tricô. Apesar da popularidade de bichos de pelúcia e bonecas, a técnica também é usada para objetos como utensílios domésticos e comida de características antropomórficas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Amigurumi> <Acesso:05/10/2024>

9- O SENAR MINAS (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Administração Regional de Minas Gerais) é responsável pela capacitação profissional e promoção social do produtor, do trabalhador rural e seus familiares. Anualmente, capacita cerca de 200 mil pessoas nas mais diversas áreas, todos os anos. A entidade ainda oferece Assistência Técnica e Gerencial gratuita para 11 cadeias produtivas do agronegócio. Disponível em: <https://www.faemg.org.br/senar/o-que-e-o-senar> <Acesso:05/10/2024>

preservação dos costumes que se aprimoraram através do conceito Ecomuseu, permitindo assim, o desenvolvimento local da comunidade. Potencializamos a memória afetiva relacionada com a cultura popular aí desenvolvida. De acordo com José Aloísio Magalhães: “A comunidade é a principal guardiã do bem cultural” (ALOÍSIO, 1993. p.3.)

A maior festa é a do padroeiro São Sebastião. Acontece no mês de janeiro, onde são realizadas novenas e procissões. Envolve toda comunidade: as ruas e casas são decoradas em sinal de festa e devoção. As Irmandades e Ordens Terceiras da cidade participam da novena e após, é servido um café saboroso preparado pelos residentes, sendo uma forma de confraternizar após os nove dias da novena.

A festa se inicia com a procissão da bandeira e termina no dia 20 de janeiro, dedicado a São Sebastião, com missas em vários horários e procissão. Temos a parte cultural da festa em parceria com os coletivos, quando são realizadas oficinas, mutirão para enfeitar o entorno da Capela, apresentação do bloco Zé Bastião, exposições, jogos, sorteios, leilão, venda de pasteis e almoço comunitário. O envolvimento da comunidade é muito forte, são moradores compromissados com a fé e preservação de uns dos momentos festivos de maior importância para o bairro.

Outra festa tradicional religiosa do bairro é a comemoração em honra a Nossa Senhora da Saúde em setembro, ocasião em que é realizado o tríduo e no dia 08, dedicado a ela. A festa inicia-se com a procissão da bandeira saindo da casa de um morador onde é oferecido café para a comunidade, pelo dono da residência. Durante a festa há venda de pasteis e programação cultural com oficinas e diversas atividades. A comunidade se une para vivenciar dias de festas nessas épocas do ano em prol das devoções aos padroeiros.

Em abril, também se destacam na parte religiosa, as via sacras e celebrações da Semana Santa.

No mês de maio acontecem as coroações: as crianças do bairro e da vizinhança são vestidas de anjo para homenagear Nossa Senhora, durante todos os sábados do mês, após as missas. Essa festividade tem a coordenação e a realização da líder cultural Vanilda Claudia (Nida) que vem persistindo na sua continuidade. Maio é também o mês das mães que são as homenageadas através das atividades da Igreja.

Outra festa religiosa da comunidade que merece destaque é a Primeira Comunhão, o rito é presidido pelo padre com auxílio dos catequistas para preparação das crianças. Interessante

destacar que, no morro celebra-se a festa da eucaristia de forma distinta: há uma espécie de “Via Sacra” de casa em casa, durante todo o dia realizada pela comunidade, com oferecimento de delícias preparadas pelos donos da festa. Os presentes ofertados pelos convidados são sempre algo relacionado à educação, como material escolar, livro, bíblia etc. São momentos de se confraternizar e de oferecer saberes culinários relacionados à comunidade.

Acontecem também durante o ano, diversas festividades e celebrações religiosas na comunidade, o povo sebastianense preserva o seu patrimônio tradicional imaterial, principalmente o patrimônio religioso com muita dedicação e devoção. A igreja promove ajuda aos necessitados na qual envolve toda a comunidade, através da campanha do quilo, onde várias famílias são atendidas com alimentos, não só os moradores locais, mas também moradores dos outros bairros.

Das manifestações culturais que possuem um caráter mais “profano”, destacamos: em fevereiro, o carnaval do bairro que é feito pelas crianças e adolescentes, quando então foi criado o bloco Zé Bastião, em 2015 e hoje com maior número de integrantes participa de uma extensa programação infantil na sede e distritos de Ouro Preto. Os meses de março/abril são dedicados às mulheres com programação voltada para o respeito e valorização do feminino.

A festa dos tropeiros da Serra é realizada, normalmente, em maio, com a participação de cavaleiros, acontece a cavalgada pela serra de Ouro Preto e na chegada, o almoço e várias apresentações de grupos musicais. Em Junho, o movimento festivo é maior pois é o mês das festas juninas com canjica, fogueira em diversos locais do bairro, caldos, cachorro quente e uma variedade de sabores quentinhos. Em muitas ocasiões, essas festividades se estendem ao mês de julho, quando acontece a presença da Bandeira do Divino de São Bartolomeu e a visita da imagem do São João que percorre as casas do bairro em sinal de devoção.

No mês de setembro, acontece a programação da Primavera dos Museus com rodas de conversas, oficinas, a partir do tema proposto a cada ano. Em 2023, foi trabalhado o tema Memórias e Democracia pessoas LGBTQ+ Indígenas e Quilombolas, onde realizamos oficinas, a saber, “Memória, Saberes e Sabores no Território Museu: tradição do tutu com macarrão”, ministrada por Dona Dorinha, mestra dos saberes locais e pelo chef Gustavo Costa. Esse prato tem uma história particular e é característico das festas do bairro; a primeira Roda de Conversa: Gênero e Museologia: desafios e possibilidades foi ministrada pelo museólogo Jackson Santos onde abordou os desafios de estabelecer uma democracia de

gênero; na segunda roda de conversa, Conservação das Memórias e Costumes, contamos com a presença de Danilo Borum - kren, mediado por Du Evangelista refletindo sobre a conservação das memórias e dos costumes dos povos originários. Foi uma semana de grandes reflexões onde foi possível contar com a presença da comunidade. Em agradecimento aos palestrantes foi oferecido chás feitos com folhas do nosso quintal, em um embornal produzido pelas artesãs do bairro Vanessa Guimarães e sua mãe Ana Mendes.

No mês de outubro a programação é para as crianças. No ano de 2023, aconteceu sessão de cinema com pipoca com apresentação do filme “O Dragão de Desejos”; oficina com a artista plástica Andreia Lana, “Descobrimos Cores”; contação de histórias mágicas da natureza, com Júnia Gaião da Casa Vermelha da Bruxa. Foi uma tarde animada e cheia de saberes.

Na comunidade acontecem mais atividades eventuais como os aniversários que são celebrados com café e biscoito de forma bem simples, sendo uma das tradições comunitárias. Mas os nascidos nos meses de junho ou julho comemoram com caldos, canjicas, comidas típicas da época. Geralmente tudo que se tem no bairro termina com café e quitandas, sejam reuniões ou celebrações religiosas.

A Feira de Quintal é realizada uma vez ao mês no espaço Bar da Nida. Na ocasião, os artesãos da comunidade têm a oportunidade de expor os seus trabalhos e o público pode adquirir o artesanato cuja renda é revertida para o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto/Núcleo São Sebastião.

A música de qualidade e os sabores do Bar da Nida, também são receitas da nossa terra. O espaço do Bar é também um local em que se valoriza os saberes e fazeres da comunidade do São Sebastião, onde os funcionários são pessoas do morro e a proprietária (Nida) é uma das lideranças comunitárias, onde vem desenvolvendo um belo trabalho com muita dedicação em prol da preservação dos costumes.

O ecomuseu participou das oficinas da exposição curricular dos alunos do curso de museologia da UFOP com o tema: “Dos afetos aos conflitos”, uma exposição para ver de casa! no ano de 2021, em formato virtual. Destaque para as oficinas “Horta em Casa” ministrada por Antônio Carlos, “Culinária” por Gustavo Costa e “Macramê” por Carolina Mendes.

Outra atividade que acontece várias vezes durante o ano é a “Caminhada de Reconhecimento do Território”, geralmente com as crianças e adolescentes, realizada por Márcio Luiz que também faz todo o registro fotográfico/documentação das atividades realizadas e paisagens do nosso território.

Em comunhão com a Escola Municipal São Sebastião, a horta comunitária é uma realidade em seu quintal (da escola), onde são oferecidas verduras frescas e sem agrotóxicos, por uma colaboração justa.

Para finalizar o ano, dezembro é o mês do “Natal na Serra de Ouro Preto” que já foi citado acima. Acontecem exposições de artesanato e venda de quitandas. Todas as atividades são realizadas com apoio dos coletivos, Mulheres do Morro e Irmandade São Sebastião.

Aulas semanais de crochê ministradas pela artesã Aparecida Guimarães, no espaço do Bar da Nida, assim como, aulas de ginástica e de boxer também são realizadas.

Logomarca Núcleo São Sebastião

A logomarca no momento da sua execução, foi pensada em algo que representasse o Núcleo São Sebastião do Ecomuseu. Desenhada pelo morador Sebastião Costa, conhecido na comunidade como Tão ou Tião, que é professor e grande artista. Fundamentada nas profissões femininas presentes no morro em épocas passadas, homenageiam as mulheres que sempre foram protagonistas e possuíam o zelo familiar e o sentido de preservação do trabalho, do sustento e educação dos filhos e de uma certa independência financeira.

Temos a cozinheira onde o saber culinário é presente em nosso território em todos os momentos, com quitandas deliciosas e os tradicionais cafés e chás com hortaliças da terra. Temos a lavadeira, numa menção às várias mulheres que lavavam roupas para fora, desciam e subiam a ladeira João de Paiva com trouxa de roupa na cabeça. Temos a costureira, uma das profissões mais presentes no bairro, onde é difícil uma mulher da comunidade não saber costurar, mesmo que seja o mínimo ou pontos de crochê, tricô, bordado etc. São ensinamentos passados de geração em geração. Temos a professora, representando a maioria das moradoras que trabalhavam com educação. Atualmente, grande número da nova geração de mulheres sebastianenses trabalham, também são estudantes e independentes.

A logomarca do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto/Núcleo São Sebastião, composta pelas quatro profissões femininas mais presentes no território, no passado, possui características perceptíveis: a lavadeira tem uma trouxa na cabeça, a cozinheira trás o chapéu de cozinheiro e avental, a professora vestida pelo conhecimento e a costureira com sua bolsinha de agulhas e linhas e a fita métrica no pescoço; ao redor das quatro mulheres é descrito “lavacozinhaensinaecostura” e vai se repetindo ao redor, no final encerra com “Saboresefazeres”.

Figura 06 - Logomarca Ecomuseu da Serra de Ouro Preto / Núcleo São Sebastião



Fonte: Sebastião Costa, 2010

A comunidade do São Sebastião é sempre muito organizada e ativa com a preservação de seus costumes e ações culturais, mesmo que seja com o mínimo de recurso; possuem afeto e dedicação, empenho gigantesco, quando se trata de trabalhos em prol do coletivo. Desde sempre foram desenvolvidas atividades de lazer onde são características do território, não só lazer, mas também atividades religiosas, reuniões comunitárias para melhorias do bairro, trabalhos de ajuda ao próximo, sempre aconteceram de forma frequente pelos moradores unidos em prol do respeito e do sentimento de pertencimento. Com todas essas particularidades, o São Sebastião se caracteriza por ser um espaço de muito saber e simplicidade.

A frase de Aloísio Magalhães, fala de perto sobre o povo sebastianense: *“Só se preserva aquilo que se ama, só se ama aquilo que se conhece”* com sabedoria e afeição é preservado todo o contexto de vivência desse território. O conceito da museologia comunitária/ecomuseu veio ao encontro das organizações das atividades, mostrou caminhos a percorrer, fundamentou ações e ideias, contribuiu de forma exemplar e atualmente, é visto com maior clareza no sentido que, todo trabalho comunitário realizado ao longo do tempo, deve ser preservado continuamente pela juventude que vem se formando no meio de todas essas ações coletivas do nosso tão querido Morro São Sebastião.

É o eco, o ressoar de uma comunidade, ou seja, valoriza os saberes e fazeres da mesma, através de trabalhos e parcerias com coletivos e associações (Liderança comunitária do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto/Núcleo São Sebastião, Vanilda Claudia/ Nida).

CAPÍTULO 3 – CONSTRUINDO OS SUBSÍDIOS

Neste terceiro capítulo será exposto o conteúdo resultante das rodas de conversa com a participação da comunidade, organizados por temas: artesanato, gastronomia, patrimônio cultural e toponímia, a partir de experiências vivenciadas pelos moradores do núcleo São Sebastião. A elaboração das perguntas foi construída de acordo com os argumentos e os grupos de pessoas selecionadas para referenciar a história, o patrimônio, os fazeres, os sabores e a memória do bairro, com o propósito coletivo da preservação do território e do patrimônio afetivo.

As rodas de conversa foram organizadas de maneira a que cada participante se sentisse à vontade para falar sobre seus conhecimentos do assunto que tivesse maior afinidade. As perguntas foram enunciadas juntamente com as lideranças comunitárias, para facilitar as respostas. Os temas escolhidos se referem a aspectos de importância crucial para a análise cultural e patrimonial do Morro São Sebastião. Seguem abaixo, as perguntas feitas para as rodas de conversa com a comunidade, organizadas em temas pertinentes às vivências da coletividade.

Artesanato
O que o artesanato representa para vocês?
Como e quando foi o início do trabalho artesanal?
Qual a importância do artesanato para a nossa comunidade?
Qual valor tem seu artesanato?

Gastronomia
Os sabores da gastronomia da comunidade do São Sebastião são diversos, fale um pouco desses sabores.
A gastronomia está presente em quais momentos afetivos do bairro?
As festas da comunidade e sua gastronomia saborosa e farta sempre aconteceram dessa maneira?
Os pratos criados pelo Bar da Nida, quais são? E porque estes nomes?

Patrimônio Cultural
Quais são as suas memórias em relação ao patrimônio cultural do bairro?
Fale dos locais de referência afetiva da comunidade.
Quais destes locais você frequentava ou frequenta?
Dentre estes locais, tem algum que seja referência da comunidade para despertar a sua memória afetiva?

TROPEIROS
Como iniciou o ofício de tropeiro? É um ofício de família?
O ofício de tropeiro era o sustento da família?
Atualmente tem tropeiros na comunidade que exercem este ofício?
O ofício do tropeiro era muito presente na comunidade? Lembra de quantos eram?

Segue, abaixo, a sistematização das respostas:

Artesanato

O que o artesanato representa para vocês?

Entrevistada 01: Para ela é um complemento, além de ser uma ajuda para controlar sua ansiedade em relação às tarefas a serem exercidas, e quando está produzindo, se dispersa de coisas não necessárias, mantendo o foco nas linhas em que está tecendo. Sempre a procura de novas ideias artesanais, para reciclar e inovar.

Entrevistada 02: Gosto muito do artesanato, dos trabalhos manuais, se eu pudesse e meu tempo não fosse tão curto, faria tudo para mim, roupas, blusa, etc. Vejo em filmes as peças de lã que são produzidas manualmente e fico refletindo o quanto é lindo este trabalho. É um resgate, pois antigamente, se vazia tudo em casa. Sem contar que as peças são feitas com afeto, aonde uma avó faz para neto, a tia faz para sobrinho e vai passando de geração em geração, com todo carinho por quem produziu a roupa. O afeto no trabalho artesanal é algo tão forte, que nem o próprio artesão muitas vezes almeja vender o trabalho que confeccionou. Um exemplo é Ana que não gosta de vender a maioria de suas peças, por ela ter um carinho tão grande pelo seu próprio trabalho. Sem contar com o reconhecimento que nos traz um produto artesanal nosso. A Yara em sua recente viagem à França, me enviou uma foto de uma das cruzeiras de minha produção, situada na cabeceira da cama do Varine e Béatrice; isso é muito bom, pois além de valorizarem o trabalho, mantêm a lembrança do Ecomuseu.

Entrevistada 03: Gosto de fazer artesanato, mas não gosto de sair para vender, prefiro presentear as pessoas; é algo que durante a produção me faz bem, fico pensativa e feliz, também sinto vontade de ficar com as peças e não passar para a frente. Vejo o meu trabalho como um *hobby*, um passa tempo que me faz sentir bem.

Entrevistada 04: A produção do meu artesanato é algo que representa muito para mim, sou apaixonada pelos trabalhos que faço, não somente o meu, mas por artesanatos em geral, valorizo muito o fazer manual. E o fato de não conseguir vender na maioria das vezes é verdade, fico tão apaixonada com o oratório ou uma galinha de cabaça que realmente, não comercializo, o que Nida falou anteriormente.

Entrevistada 05: Eu adoro minhas peças de artesanato, estou sempre pesquisando algo a mais para me inspirar e criar, confecciono em parceria com a Vanessa, que é minha filha e também gosta muito de produzir lembranças ou presentes manuais. O trabalho artesanal é algo que me faz bem e feliz; o Natal é a data em que ficamos mais atarefadas e criamos mais, ocasião em que sempre inventamos algo novo para a nossa feira natalina.

Como e quando foi o início do trabalho artesanal?

Entrevistada 01: Iniciei ainda criança, Zica foi minha primeira professora, desde sempre interessava por agulha, ela me ensinou tricô e, após já estar casada comprei uma revista que ensinava crochê, mas precisei ter aulas com Marilza, realizadas na sede da pracinha (Clube). E hoje eu a ensino, é um dos trabalhos manuais que faço com mais afeto e tenho atualmente prática.

Entrevistada 03: Quem me ensinou o crochê foi Tia Efigênia, ela teceu um vestido amarelo para mim, que encantei, nunca mais esqueci do vestido. Fez mais outros vestidos para as minhas irmãs, nas cores rosa para Eliane, Branco para Rosa e laranja para Cynthia. Depois, o tricô aprendi com Zica, o bordado com Maria de Almir e o aperfeiçoamento do crochê com Ângela e com Tilica costureira.

Entrevistada 04: Na escola eram ofertadas umas aulas de educação para o lar e onde aconteciam aulas de crochê, mas aprendi mesmo com a Ângela, não sei tudo, mas alguns pontos sei tecer. Aprendi com Sebastião vários artesanatos, ele sempre muito criativo e nos ajudando nas ideias.

Entrevistada 02: Aprendi também com a Ângela e com Dona Efigênia Estela na educação para o lar na escola e no LDA que acontecia na Rua Direita, a esposa do prefeito da época era a responsável pelo projeto, onde se aprendiam diversos trabalhos manuais, comoregar

botão, crochê, bordado no chinelo e etc. no horário da tarde e pela manhã. A Maria do Carmo conhecida como bica, me ensinou bordado. Quando fui casar, mãe comprou lençol para embainhar, mas foi um fiasco não consegui costurar. Também participei das aulas com Benícia, realizadas na sede do clube; eram de ponto cruz, crochê e costura, bordado era Maria de Almir que ensinava, tapete arraiolo era maninha.

Qual importância do Artesanato para nossa comunidade?

Entrevistadas: Acho que é de uma importância tão grande, pois temos que ser mantenedoras dos saberes e fazeres; o fazer manual é maravilhoso, é uma distração onde se tem afeto pelo que se produz e temos o lucro onde é a sustentabilidade pelo valor dos trabalhos artesanais da comunidade, desde sempre os trabalhos manuais se fazem presente, onde as artesãs trocam as ideias entre elas acrescentando ainda mais essa rede dos saberes da comunidade. E após acontecer a parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto, pela pessoa da professora do curso de Museologia Yara Mattos, onde ela nos trouxe o conceito do ecomuseu, iniciamos uma organização diferenciada, aprimorando os trabalhos, colocando as marcas das artesãs nos produtos e valorizando o preservar comunitário. Desta madeira fomos visualizando a importância de tudo que fazemos. Queremos que passe de geração em geração. Vamos manter e preservar nosso modo de viver e ser, temos os desafios pois, tem pessoas que vem morar aqui e querem mudar nossa comunidade sem conhecimento. E nos incomoda.

Estamos em falta com produtos da nossa marca, (Ecomuseu) para dar mais visibilidade. Queremos promover momentos de fazer crochê ou bordar e ao mesmo tempo compartilhar vivências, casos e curtir o momento de interação.

Qual valor tem o artesanato?

O valor é incalculável, não são só valores monetários que se calculam, é muito além disso, nos faz bem visualizar o que produzimos sendo reconhecido e tendo o valor que merece, o afeto pelo trabalho é tão diferente que muitas vezes não nos interessa vender, pois o sentimento é de gratidão.

É muito desagradável, quando alguém questiona o valor e não valoriza o trabalho da artesã, é preciso saber o afazer que se tem para ser produzido e não se questionar. Pois o produto artesanal tem afeto e é trabalhoso. Temos muitas artesãs na comunidade, mas ninguém faz trabalhos iguais, cada artesã tem seu artesanato, as peças são diferenciadas. Além da interação nas feiras, é um local de encontro e bate papo.

Gastronomia

Os sabores da gastronomia da comunidade São Sebastião são diversos, fale um pouco desses sabores:

Entrevistada 03: A variedade é grande em se tratando de sabores culinários da comunidade, temos uma riquíssima gastronomia. O povo é farto e cozinheiro. Permanecem ainda receitas de família, passadas de geração em geração, doces caseiros de frutas do quintal continuam sendo produzidos, também geleias, quitandas com grande variedade e cada um tem seu modo de fazer, pode ser o mesmo prato, mas o sabor se difere. Além de toda a produção de receitas, ainda se mantém a partilha e trocas de pratos entre os moradores. E todo acontecimento da comunidade finaliza com o café e quitandas saborosas do Morro.

Entrevistada 01: Os Casamentos hoje se usa o bem casado, antigamente eram os doces caseiros feitos por nós mesmos de cidra, gila, laranja e de figo. A comida era feita aqui na minha cozinha, os noivos compravam os ingredientes e a lenha, mas a mão de obra era presente meu e da minha família que sempre me ajudou a fazer e servir. No casamento de Terezinha fiz 1000 empadas sem cobrar nada, mas com muito afeto. O preparo para os casamentos começava na sexta, pois há muito tempo atrás não tinha geladeira, dessa forma o pernil gordo cozinhou horas antes.

Nas festas juninas temos muitos caldos, canjicas, doces e etc, um variado cardápio junino.

Entrevistada 01: A troca de comida e partilha também é costume na comunidade, a maionese de Maria, de Corina deixou saudades, ela guardava na geladeira da minha casa, pois na casa dela não tinha geladeira nesta época. Mas sempre trazia uma vasilha com a saborosa maionese para mim, hoje ela faleceu e só me restam as lembranças boas da nossa amizade. Geralmente quando faço um prato especial, ou seja, um doce da época, separo para várias pessoas e saio distribuindo para os parentes, amigos, vizinhos e etc.

Entrevistada 03: Minha vó fazia doce de arroz e dividia também para as pessoas. Quando matavam porcos, partilhava a carne de casa em casa, como não existia geladeira, armazenavam as carnes nas latas. Onde leva o nome carne de lata. A comunidade permanece com os costumes, passa o tempo e a boa convivência permanece, vovô Joaquim na sua horta imensa e bonita, plantava para o morro inteiro, quem continua com o mesmo costume é Dego que distribui verdura e ainda tem várias doações de frutas.

Gustavo iniciou o curso de gastronomia querendo mudar nosso modo de cozinhar, bem no início aconteceu dessa forma, mas ao passar do tempo foi visualizando o quanto é importante respeitar os nossos saberes culinários. No Morro tudo é um cafezinho com broa ou limonada com pão e mortadela. Até quem vem fazer limpeza urbana ou coleta, tem lanche e no final do ano ganha cesta de natal em agradecimento ao serviço prestado durante o ano. É a nossa forma de receber bem, todo mundo tem que tomar o café. Na festa de São Sebastião, vovô

levava várias pessoas para almoçar, a casa sempre ficou cheia de visita. Só sei que, até hoje tudo termina em café.

A gastronomia está presente em quais momentos afetivos do bairro?

A gastronomia na comunidade está presente em todas as ocasiões, há sempre um lanche ou café com broa. O costume de partilhar é muito forte nos encontros da comunidade, geralmente é uma quitanda feita por alguém da comunidade. Os alimentos em sua maioria são do quintal, onde se prepara a culinária do dia-a-dia, os chás também são da horta, seja para remediar uma gripe ou para saborear. Sempre finalizamos os festejos com lanche e com muita fartura, seja nas festividades de São Sebastião, Nossa Senhora da Saúde ou em comemorações particulares como aniversários, casamentos, batizados, primeira comunhão ou até em pequenas reuniões, sempre tem um lanche no final.

As festas da comunidade e sua gastronomia saborosa e farta sempre aconteceram dessa maneira?

Entrevistada 01: A partilha sempre foi característica do bairro, as festas são realizadas com farturas e variedades. Os costumes se preservam; durante a festa de São Sebastião e Nossa Senhora da Saúde, na casa que sai a procissão da bandeira serve o café, antigamente era com biscoito palito e o café servido na tigela, atualmente possui variedades, mas o café permanece e durante os nove dias da novena o café é para todos que participam da festa, dividido entre ruas a colaboração da partilha é de responsabilidade da comunidade. **Entrevistada 01:** No passado a comida era o arroz, tutu, macarrão e carne cozida, a salada de cebola roxa para o Padre Simões. Servia para todos, o almoço e o jantar. O almoço acontecia na casa do procurador e ele bancava sozinho, o povo reunia somente para fazer. Hoje o almoço é apenas para os padres, coral, mesa administrativa e voluntários que trabalham na festa.

Entrevistada 04: No mês de maio era oferecido as amêndoas para as crianças que coroavam Nossa Senhora, hoje é distribuído guloseimas. Nos aniversários serviam o café com biscoito palito, não tinha muita variedade, somente em algumas casas.

Entrevistada 02: conta que no aniversário de João tinha biscoito *walffer* onde sobrava para levar de merenda para escola no outro dia.

Entrevistada 01: comenta que no aniversário do João Lima era biscoito *champagne* com café e no aniversário de tio Toti era biscoito *craker*. Na casa de Almir, a **entrevistada 02** recorda que era servido biscoito água e sal, maria e maisena. Na casa de Joaquim era canjica, pois as festas de aniversário eram em junho. Hoje após a pandemia, o número de aniversários que se comemora diminuiu, mas ainda existe a partilha do simples e afetuosos café com biscoito.

A **entrevistada 03** recorda, que nas primeiras comunhões da comunidade, os bolos eram feitos pelo João Lima, com glacê de clara com gosto de limão, ele criava castelos, parques, fazenda, abusava da criatividade. Nas primeiras comunhões era servido café com biscoito.

Ele produzia os bolos para todos os sobrinhos e a decoração era diferenciada. Atualmente permanece a tradição da via sacra nas casas dos catequizados, após receber a eucaristia pela primeira vez, mas com mais variedades de salgados, doces, bombons, lembranças e na decoração. É uma festa de grande partilha.

A festa modificou o almoço que era para todos, mas atualmente é mais difícil, temos o café com a partilha da comunidade durante a novena. Neste ano 2024 vendemos o prato feijão tropeiro que fez parte da programação cultural; a ideia era o almoço compartilhado, mas arrecadando um valor simbólico para os custeios da festa. Foi um sucesso, dá muito trabalho, mas é gratificante.

Não existia mesa administrativa da Irmandade, tinha apenas a zeladora, era muito diferente naquele tempo, a nossa capela ficava de portas abertas para entrar sol e sem ninguém olhar, preparando para a festa. A mesma coisa acontecia na festa de Nossa Senhora da Saúde, naquela época também tínhamos dois vestidos novos, um para a festa de São Sebastião e outro para a festa de Nossa Senhora Saúde.

Os pratos criados pelo Bar da Nida, quais são? E porque estes nomes?

Entrevistada 03: O primeiro prato criado foi a “maçã atolada no brejo”, uma homenagem que fiz para vovô Joaquim, o qual era tropeiro e tinha uma tropa e todos os animais possuíam nomes, e uma mula chamava maçã, como também, outros que eram chamados por diversos nomes, por exemplo, a cambraia; e no morro tem um campinho de futebol que é chamado de prainha, local onde ele soltava os animais. Só que neste local tinha um brejo onde a maçã atolou. Por isto o prato leva o nome maçã que é a carne maçã e peito, o brejo que é o angu e a couve que simboliza o capim. Por isto o nome *maçã atolada no brejo*, é um dos pratos de minha criação e é muito solicitado pelos clientes do Bar.

A outra criação nossa é o *Sanduche Zé Bastião*, leva o nome em homenagem à comunidade São Sebastião, ao padroeiro com o mesmo nome e o bloco criado por quatro crianças chamado Zé Bastião, por isso leva este nome. Ele é feito com pão artesanal recheado com carne de pernil regado com molho de jabuticaba com fatias de bacon e a salada de tomate, alface e rúcula.

Temos o prato *Labuta Mineira*, criado em homenagem ao dia do trabalhador, são pedaços da carne chamada fraldinha ao molho com um pão francês e pasta de alho finalizado com muzzarela. O prato é nomeado dessa maneira, pois Vovó Corina dizia muito que para se comprar um pedaço de carne antigamente, era uma labuta danada, já para o pão francês, sempre tinha o dinheiro, mas para a carne era necessário labutar muito. Simbolizando o trabalho do dia a dia.

“Sapitada dos Trouxas” foi criado em homenagem aos inconfidentes, em um festival que o bar participou na cidade. A sapitada é a urtiga, a trouxinha é feita com a minha massa de pastel, recheada com costelinha desfiada e bacon. Sapitada, pelo fato que os inconfidentes

foram traídos pelo Joaquim Silvério dos Reis, um dos delatores e traidores. Foi uma sapecada que o Joaquim aprontou. E o festival no qual o bar participou tinha como tema a Inconfidência Mineira e deste modo, a criação do prato deveria estar relacionada ao tema do festival, por isto *Sapecada dos Trouxas*. Fomos premiados em primeiro lugar e depois várias pessoas vieram ao bar à procura do prato. Como a urtiga era um dos componentes do prato, as pessoas da comunidade, que em sua horta continha a urtiga, doaram para o bar pois a procura foi grande pelo referido prato.

Patrimônio Cultural

Quais são suas memórias em relação ao patrimônio cultural do bairro? Entrevistado02:

Recordamos dos passeios na serra, na cachoeira, os passeios da escola eram sempre para fazer piquenique no São João; as caminhadas de reconhecimento de território no moinho de vento não tinham nome, mas as caminhadas eram voltadas para a preservação das áreas verdes no nosso entorno. Despertando o pertencimento e zelo por cada espaço. Da mesma forma que hoje é realizado pelo Ecomuseu com os adolescentes. **Entrevistado01:** Os piqueniques com vovô sempre tinham as laranjas que descascavam antes, a cachoeira era nosso divertimento das férias, o campo de futebol tinha campeonatos com o time Carajás, jogavam bola no campinho, na estrada para cachoeira; na pracinha era ponto de reunião a noite para bate papo e na sede do “Clube” no prédio antigo, existiam encontros aos domingos, “domingueira” onde aconteciam jogos de dama, xadrez, pingue pongue, baralho, uma recreação onde a maioria das pessoas participava e se reunia nas tardes de domingo. Acontecia também várias horas dançantes na sede.

Entrevistado 03: O adro da Capela também é outro local de memória afetiva, nós jogávamos queimada, rouba bandeira e era local de bate-papo também. Esses momentos aconteciam todo final de semana, fora dos horários da missa. Os Aniversários do bairro sempre se comemoraram de forma simples, mas muito agradável, onde se oferecia o café com biscoito, broa, quitandas em geral; as crianças compareciam aos aniversários somente para brincar de se esconder até o colega achar. Atualmente, poucos comemoram os aniversários daquela forma tradicional, ainda se reúnem, mas tem café, chá e mais salgados com refrigerantes e sucos.

Entrevistada 04: A comunidade recebia com esse espírito hospitaleiro, os cacheiros viajantes, amigos do povo. Eles almoçavam, dormiam, ficavam todo o período de estadia na comunidade.

Fale dos locais de referência afetiva da comunidade:

A Capela São Sebastião é local de muito afeto para a comunidade por despertar a fé; as memórias das festas, o clube no seu prédio antigo, a escola, a sociedade, a pracinha com a magnólia (veio ao chão este ano), o piquenique na Serra, na Cachoeira das Andorinhas; os lanches eram somente com laranja, não existia a variedade dos piqueniques de hoje. As caminhadas na Serra também eram para colher marcela para confecção de travesseiros. No período da pandemia o Ecomuseu fez um trabalho para as senhoras do bairro com marcela, entregando um buquê, despertando a memória afetiva naquele momento de difícil convivência entre as pessoas. Hoje não é permitido apanhar plantas na Serra. As fontes onde se lavavam roupas são também espaço afetivo, ali se reuniam as mulheres com suas trouxas de roupa a ser limpa e contar muito caso.

Quais destes locais você frequentava ou frequenta?

O clube era um dos locais mais frequentados devido aos bailes, também acontecia a domingueira aos domingos durante a tarde. A Cachoeira das Andorinhas, para passeio e piqueniques; atualmente nosso olhar é voltado para preservação dela, uma causa de grande consciência de todos. A pracinha do bairro era muito frequentada para jogar bate bapo ou se divertir com as brincadeiras e jogos, onde a noite era somente de recreação. Os aniversários também eram um dos acontecimentos de muito convívio entre os moradores, serviam café com biscoito simples, mas de muito apreço para a comunidade local. Atualmente a Capela São Sebastião é mais frequentada, pois o salão comunitário é o local que acontece de tudo atualmente: reuniões, palestras, retiros, confraternizações, feiras de artesanato, programação cultural das festas religiosas. O Bar da Nida com as feiras de quintal.

Dentre estes locais, tem um que seja referência na comunidade, despertando a memória afetiva?

O local que mais representa a comunidade, independente de religião é a Capela com a sua parte externa, o adro; é um dos locais de grande afeto, cuidado e frequentado pelos moradores. É nosso cartão postal. Traz a memória afetiva das festas religiosas onde se reúnem até nos dias atuais várias pessoas, inclusive ex-moradores que residem fora da cidade e retornam nesses dias de festa. Os casamentos, as primeiras eucaristias, as novenas com Padre Simões, todas essas memórias são lembradas com muito afeto e saudade.

Troperismo

Como iniciou este ofício de tropeiro? É de família?

Entrevistado 01: Entre oito a nove anos, iniciei o trabalho de tropeiro, cortava as lenhas e trazia para vender na cidade, onde já tinha freguesia; na minha família quem trabalhava com o ofício de tropeiro era eu e meu irmão Mario. Para ganhar dinheiro, era necessário trabalhar na roça ou com o ofício de tropeiro. Era o que tinha na época. Fui trabalhar na Alcan e abandonei a tropa com 24 anos, mas meu irmão Mário continuou. Parte do sustento era realizado pelo dinheiro dos doces e quitutes que mamãe vendia nas festas. A brevidade dela era a melhor. Era necessário controlar o fogo no forno de cupim, que se controlava pela lenha.

Entrevistado 02: Era um trabalho muito procurado pois continha muita encomenda e todo mundo usava o fogão a lenha; a freguesia era grande. Todo mês tinha que levar as encomendas, praticamente todas as casas compravam lenha na minha mão. A maioria do ofício foi passado de geração em geração, geralmente um dos filhos herdava a tropa e o gosto do pai.

O ofício de tropeiro era o sustento da família?

Era sim, por este ofício que a maioria das famílias tirava o dinheiro para ter alimento na mesa; sem opção de serviços na época, ou era plantar ou tropa, ou depois de muito tempo trabalhar na empresa Alcan. As mulheres não trabalhavam, era raro, às vezes acontecia de vender doces ou quitandas também para completar a renda de sustento da família, pois eram sempre mais de quatro filhos na comunidade, como até nos dias atuais que se planta verdura e frutas para colaborar com a alimentação.

Atualmente tem tropeiros na comunidade, que exerce este ofício?

Entrevistado 03: A maioria faleceu, mas ainda temos dois tropeiros que continuam trabalhando com isto, de forma mais consciente e cuidadosa, pois hoje tem fiscalização da polícia ambiental para preservação da Serra, que é necessário e interessante para nossa comunidade. Mas os que exercem o ofício hoje, têm essa consciência do trabalho e são cuidadosos. O trabalho é menor, geralmente são poucas encomendas de lenha que se tem atualmente, também os carros de carga foram substituindo os animais.

Entrevistado 02: É um Trabalho sem futuro, pois para aposentar é preciso pagar o INSS, deste modo a maioria mudou e abandonou este ofício; ao passar do tempo com mais opções

no mercado, os tropeiros foram trocando as funções, correndo atrás de algo melhor para o seu sustento e da família e também para se aposentar com mais tranquilidade.

O ofício do tropeiro era muito presente na comunidade? Lembra de quantos eram?

Entrevistado 01: Na comunidade tinha muito tropeiro, 20 ou mais pelo que recordo, as famílias antigamente tinham mais filhos e sempre um deles ajudava mais o pai neste ofício ou por opção, comprava o animal burro, para ganhar seu dinheiro da forma que aprendeu com o pai. Para a maioria das famílias, o sustento era do ofício de tropeiro, raro era a família que não tinha tropeiro.

Entrevistado 03: Eram muitas famílias no bairro, formava fila de burro com lenha, os tropeiros rodavam Ouro Preto todo vendendo lenha, desciam o morro até com chuva. Fornecíamos lenha até para a Santa Casa e durante a semana toda trazendo para a freguesia de sempre. Era um sofrimento, mas deixou saudades, era um tempo muito bom.

As rodas de conversa foram bem participativas e aconteceram de forma separada por assunto; foram estipuladas no máximo sete pessoas para cada tema em função de uma melhor organização das falas. As perguntas foram criadas voltadas para o núcleo São Sebastião para facilitar a compreensão dos participantes, através das relações afetivas com o patrimônio da comunidade. Foi extraordinária a participação e compreensão da comunidade sobre a importância do trabalho para resultar em um plano de gestão que deve ser compartilhado e participativo. Com maior compreensão do conceito de Ecomuseu, o coletivo trabalha para salvaguardar todo este patrimônio cultural e afetivo presente no núcleo São Sebastião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comunidade do São Sebastião é peculiar em seus costumes e tradições, em seu fazer e acolhimento. Para o levantamento de determinados subsídios que serão usados no processo de construção do plano de gestão compartilhada, foi essencial a participação dos moradores entrevistados, instigando a memória e a relação de afeto com o território. Através dos relatos foi possível identificar, aspectos importantes que devem ser preservados, por exemplo: com frequência aparece no discurso o cuidado e zelo pelo fazer e saber do núcleo São Sebastião, se tratando de um riquíssimo bairro de saberes naturais e essenciais para a coletividade.

As entrevistas organizadas por temas - artesanato, gastronomia, patrimônio cultural e tropeiros – permitiram balizar os aspectos culturais e patrimoniais para serem referenciados em quesitos importantes num plano de gestão. Assim sendo, podemos citar o desenvolvimento local, a economia solidária e criativa, a cultura e o meio ambiente, a história e a memória, a educação para a cidadania e os direitos humanos.

Cada morador contribuiu com seu conhecimento motivado pela vivência que se tem de forma afetuosa. É uma comunidade distinta na preservação de sua cultura, com estima especial. Os afazeres culinários que, de geração em geração vão perpetuando, são compostos por refeições como: tutu com macarrão, um dos pratos típicos servido na festa de São Sebastião; várias quitandas, geleias, doces produzidos com frutos colhidos no quintal das casas proporcionando um paladar variado. Através da culinária é possível conhecer a história, os hábitos e costumes e a necessidade de ser cultivada, de tal forma que preserve também os encontros realizados por meio do saber culinário, onde traz impactos positivos e referências para o desenvolvimento local, agregando valor ao crescimento econômico, dando maior visibilidade à história dos sabores, caracterizada pela variedade e fartura que se faz presente no território.

Outro subsídio a ser acrescentado ao plano de gestão compartilhada, são os trabalhos artesanais, temos artesãs que produzem trabalhos em crochê, tricô, amiguruni, materializados em oratórios, mandalas, costuras variadas, caixas, bordados, etc. São habilidades feitas com grande capricho, fontes de renda para vários moradores do núcleo São Sebastião. São técnicas distintas usadas na fabricação das peças, transformadas em artesanato realizado como atividade comunitária que ocasiona não somente renda, mas união nos encontros, compartilhamento de afetos entre participantes, onde as mulheres são em

maior número e assim vão fortalecendo os laços femininos comunitários, juntamente às tradições e história local, proporcionando bem estar, saúde mental e independência financeira. Ponto importantíssimo para o campo da economia solidária. Os trabalhos manuais são agregados por várias técnicas de produção, a maioria passada pelas famílias, mantendo viva a herança cultural e promovendo o senso de identidade, identificação e coletividade.

A preservação do patrimônio cultural é essencial para a história da comunidade, tudo produzido em âmbito material ou imaterial. O núcleo São Sebastião compreende sua importância para a valorização da memória coletiva. Consiste em um vasto patrimônio onde se tem a parte natural composta por Áreas de Proteção Ambiental que circundam o morro, dessa forma o local se assemelha a uma área rural e possui um ambiente tranquilo e agradável. É também um dos subsídios para o plano de gestão compartilhada da comunidade São Sebastião.

Para agregar valor coletivo ao plano de gestão compartilhada, foi fundamental toda a participação comunitária, sendo possível contextualizar importantes pontos históricos caracterizados pelo cuidado com a preservação, juntamente à pesquisa bibliográfica gerando subsídios importantes, acrescentado ao trabalho em questão. O núcleo do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto é parte do crescimento e da educação dos moradores, através da organização e do entendimento comunitário sobre o conceito Ecomuseu e suas ações coletivas visando uma nova perspectiva para salvaguardar o patrimônio material e imaterial. Está previsto também, para um futuro próximo, uma ação documental do Ecomuseu para inventário e organização do acervo que se encontra sob a guarda da população, uma nova perspectiva de mapear e documentar as coleções relacionadas à memória afetiva do bairro.



ECOMUSEU DA SERRA DE OURO PRETO - NÚCLEO SÃO SEBASTIÃO

ACESSE O QR CODE



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES Janis de Paula, **“Urbanização e modificação na paisagem do Bairro São Sebastião**, Ouro Preto MG,2019

BUENO. Fernanda Alves Bueno. **A paisagem de Ouro Preto como espacialização no tempo**: A experiência e a vivência do Morro da Queimada. 2019.

De Quebec, 1984 D. (1). **DECLARAÇÃO DE QUEBEC, PRINCÍPIOS DE BASE DE UMA NOVA MUSEOLOGIA**, 1984. Cadernos de Sociomuseologia,

'Ecomusée de la serra de Ouro Preto dans mon livre "L'Ecomusée, singulier et pluriel", Paris, Ed.. L'Harmattan, 2017, en particulier p. 167-169.

Guia dos bens tombados/ coordenação de pesquisa Marisa Elisa carrazzoni – 2ª ed. -Rio de janeiro Expressão e Cultura,1987.

INVENTÁRIO PREFEITURA DE OURO PRETO, **Inventário de proteção do acervo cultural**: sítios naturais, 2009.

LEBOURG, Elodia Honse. **Vila Rica, 1720: História, Sedição e Arquitetura**. Ouro Preto: Faop,2006. p.15.Monografia.

LEMOS Paulo; SIMÕES Raphael (org.) **Ouro Preto: Museus/** Paulo Lemos, Raphael Simões (org), 1ª edição – Ouro Preto: Livraria e Editora Ouro Preto, 2014. P.153 a 161.

MATTOS Yara, **Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, Itinerário de uma experiência em Museologia Comunitária**, Ouro Preto, MG.

MATTOS, Yara (Coord). **Ecomuseu da Serra de Ouro Preto/MG**: morros da Queimada, Santana, São João, São Sebastião e Piedade. No prelo.

MATTOS, Yara; VARINE, Hugues de. La contribution des écomusées à l'éducation à l'environnement: Le cas de l'Ecomusée de la Serra de Ouro Preto (Brésil). **Éducation relative à l'environnement**, v. 15-1, 20 dezembro 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ere/4667>. Acesso em: 4 abr. 2024.

PIMENTEL, Thaís Souza, **Entre Memórias e Vivências: Um mapeamento afetivo das referências culturais do Morro São João**. 2019

Santiago de Chile, 1972 – Ibram/ MinC; Programa Iberoamericanos. Brasília, 2012. v.1; 235

VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. 1. ed. Porto Alegre-RS: Medianiz, 2013. 256 p. Tradução de: Les Racines du Futur - Le patrimoine au service du développement.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 209 p.

VENÂNCIO, Larissa Gonçalves. **Ecomuseu na Serra de Ouro Preto (MG) [manuscrito]: o afeto como processo museológico entre comunidade, patrimônio e território** / Larissa Gonçalves Venâncio. - 2022. 133 p.

VARINE, Hugues de. **O Ecomuseu e o Parque, Dois Instrumentos Complementares**, 2018. P .02. Traduzido por João Carlos Saraiva de Magalhães – Belo Horizonte/MG

HUGLES Varine, **O Tempo Social**, São Paulo, SP.

VARINE, Hugues **o Lugar da Comunidade no museu: uma troca de serviços** Vérone, 4 décembre 2007

APÊNDICES

Entrevistados

Aparecida

Nascida e criada na Comunidade São Sebastião, trabalha com artesanato há muito tempo, tem muita prática em crochê e já produziu muitas peças como roupas, bolsas, cestos, todo tipo de peça que pode ser feita com no ponto crochê. Procura inovar com o trabalho artesanal. Faz também com mais frequência o amigurumi que são confecções de bonecos no tricô ou crochê com formas de animais e personagens infantis. Compreende o quão é importante zelar pela preservação dos costumes e ações da comunidade.

Ana Paula

O seu artesanato é variado, com peças em crochê, artesanato com cabaça, colares, bordados em bolsas, móbile, chaveiros, oratórios na lata, divinos, produz de tudo um pouco voltado para peças de decoração.

Ana Mendes

Ama a produção de seu artesanato que faz junto com sua filha Vanessa; confecciona e inventa todos os anos produtos específicos para o Natal. Também é residente no Morro São Sebastião e é uma liderança comunitária muito atuante nas ações da comunidade; é parte da mesa que compõe a associação do bairro. Além dos artesanatos natalinos, confecciona outros também.

Clessia

Nasceu e cresceu na comunidade, produz artesanato desde sempre; o crochê é o ponto que mais confecciona, mas sabe bordar, tricotar, costurar, já produziu muita boneca de pano e variados trabalhos artesanais. Tem o dom para fazer doces saborosos, zela pela comunidade se preservar da maneira que sempre foi.

Nida

Líder comunitária, que tem um amor imenso pelo Morro São Sebastião, zela pela preservação dos saberes e fazeres. Desenvolve muitos projetos com parcerias que agregam o zelo pela comunidade como foi e atualmente é. Está sempre dentro das lutas coletivas com o maior intuito de permanecer com os valores e tradições, através do respeito. Produz artesanato quando há tempo, pois é proprietária do Bar da Nida, onde também é local de apoio às ações do ecomuseu; cozinheira de mão cheia, criou os pratos do bar, faz de tudo um pouco, mas sempre trabalhou vendendo salgadinhos para festas e com o espírito de querer fazer sempre mais em prol do coletivo. Faz também geleias, bolos, pastel e vários outros sabores deliciosos que se tem no morro.

Maria dos Anjos

Professora, moradora do São Sebastião, onde zela e preserva nossos costumes, produz várias peças em crochê; atuante na Igreja e presente nas atividades da comunidade lutando pelo sossego e respeito que sempre existiu.

Dorinha

Cozinheira de vasta experiência na comunidade, realizou a parte gastronômica dos casamentos, quase todos do morro. Sempre doou a mão de obra para fazer e servir nos casamentos, aniversários, etc. Pronta para servir com a ajuda da família. É uma referência em fazer comidas, doces, quitandas saborosas.

Gustavo

Cursou Gastronomia, sempre apresentou o dom para culinária, cresceu vendo sua mãe Nida fazer saborosos salgados e bolos para festas; depois de um tempo os bolos ficaram por sua conta, sendo que ele atualmente, é o chef de cozinha do Bar da Nida, com vasta experiência na culinária, contribuiu com os ensinamentos do curso para organização da cozinha. De geração em geração vai passando o sabor culinário da comunidade e gerando formas de sustentabilidade.

Nilza

Foi professora muitos anos na Escola São Sebastião, lecionou para muitos moradores da comunidade, ela conta vários casos do passado sobre o ensino da época, era de forma rígida, mas os alunos formavam sabendo ler e escrever corretamente. Atualmente é aposentada e faz crochê em panos de prato e costura para a comunidade, apenas para ajudar sem cobrar nada.

Cynhtia

Nasceu na comunidade, trabalha para a preservação dos costumes junto da família, principalmente nas festas da Igreja; é responsável pela parte da culinária, produz variados artesanatos e faz quitandas saborosas onde herdou o dom de sua mãe dona Dorinha.

Bárbara

A Bárbara trabalha e cria seus filhos Elias e Aurora na comunidade onde desde bebês estão envolvidos na preservação cultural; trabalha no Bar da Nida e é a responsável pela Feira de Quintal, envolvida em todas as ações culturais. É amante de histórias, inclusive casos da nossa infância, dos piqueniques no Morro São João com a escola, brincadeiras no adro da Igreja, e várias memórias afetivas que se tem.

Marcio

Reside na comunidade desde que nasceu, zelo pelo morro é o que não falta; é o responsável pelas caminhadas na Serra e conhece como ninguém, toda a mata ao redor do morro; é o

fotografo da comunidade, registra todo nosso patrimônio cultural. O acervo de fotografias do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto é produzido por ele.

Antônio Carlos

Aposentado das atividades trabalhistas, mas super envolvido nas ações comunitárias, onde desenvolve trabalhos de todo tipo, é muito atuante na Igreja, e na preservação dos costumes do morro, responsável pela horta comunitária, uma parceria dos coletivos com a Escola Municipal São Sebastião; junto a adolescentes e moradores do bairro, zela pela plantação orgânica comunitária. Faz trabalhos de ajuda ao próximo com o Geraldo. O cuidado com o outro que possui mais necessidade é uma ação de muitos anos relacionada à identidade dos moradores.

Emília

Estudante de Engenharia Ambiental pela UFOP, participa das ações do ecomuseu desde muito cedo, cresceu passeando pela Serra, Cachoeira das Andorinhas, onde escolheu essa área do cuidado e zelo pelo meio ambiente. Preserva nossos saberes junto às ações.

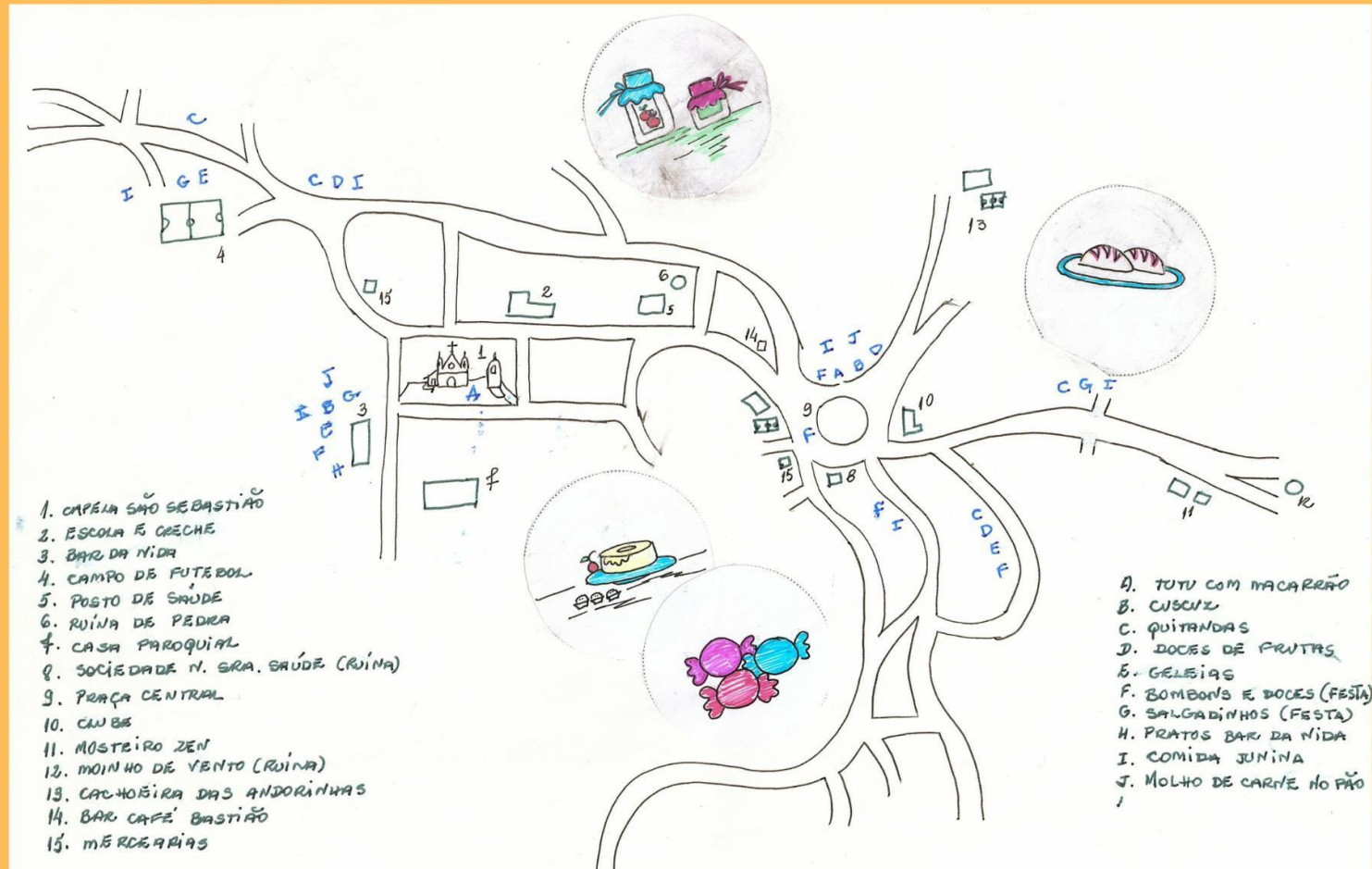
José Carlos

Atuou como tropeiro muitos anos de sua vida, iniciou ainda criança, mais tarde mudou para trabalhar na cidade pelas melhorias do trabalho, criou sua família na comunidade, zelando sempre pelo bairro. Contador de muito caso, atuou muito nas ações comunitárias e agora faz o que pode para colaborar em prol de todos.

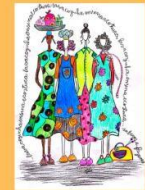
Mapas Afetivos do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto / Núcleo São Sebastião

- Gastronomia
- Profissões
- Artesanato
- Tropeiros
- Paisagem Cultural e Natural
- Festas Profanas e Religiosas

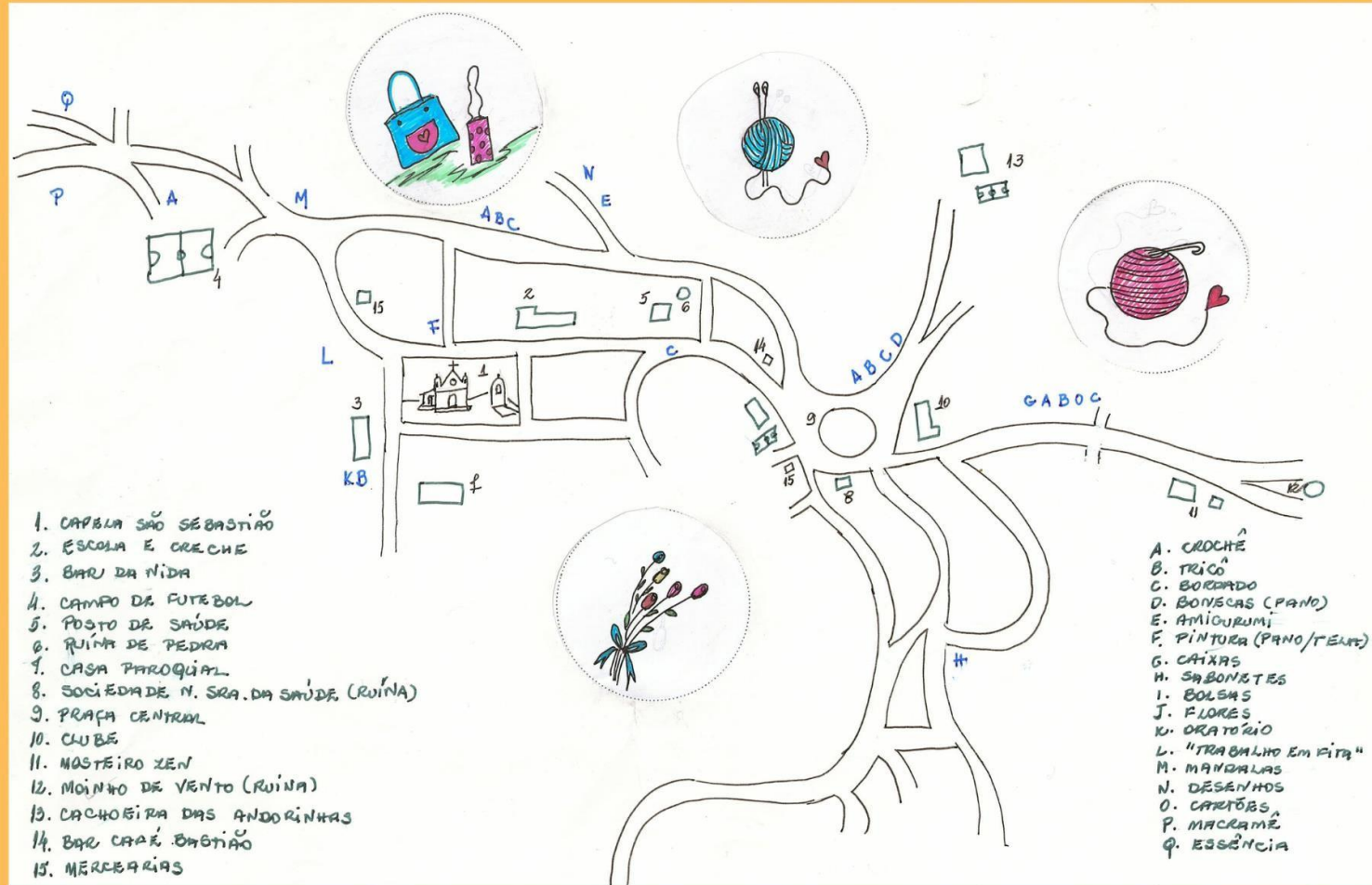
GASTRONOMIA - COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO



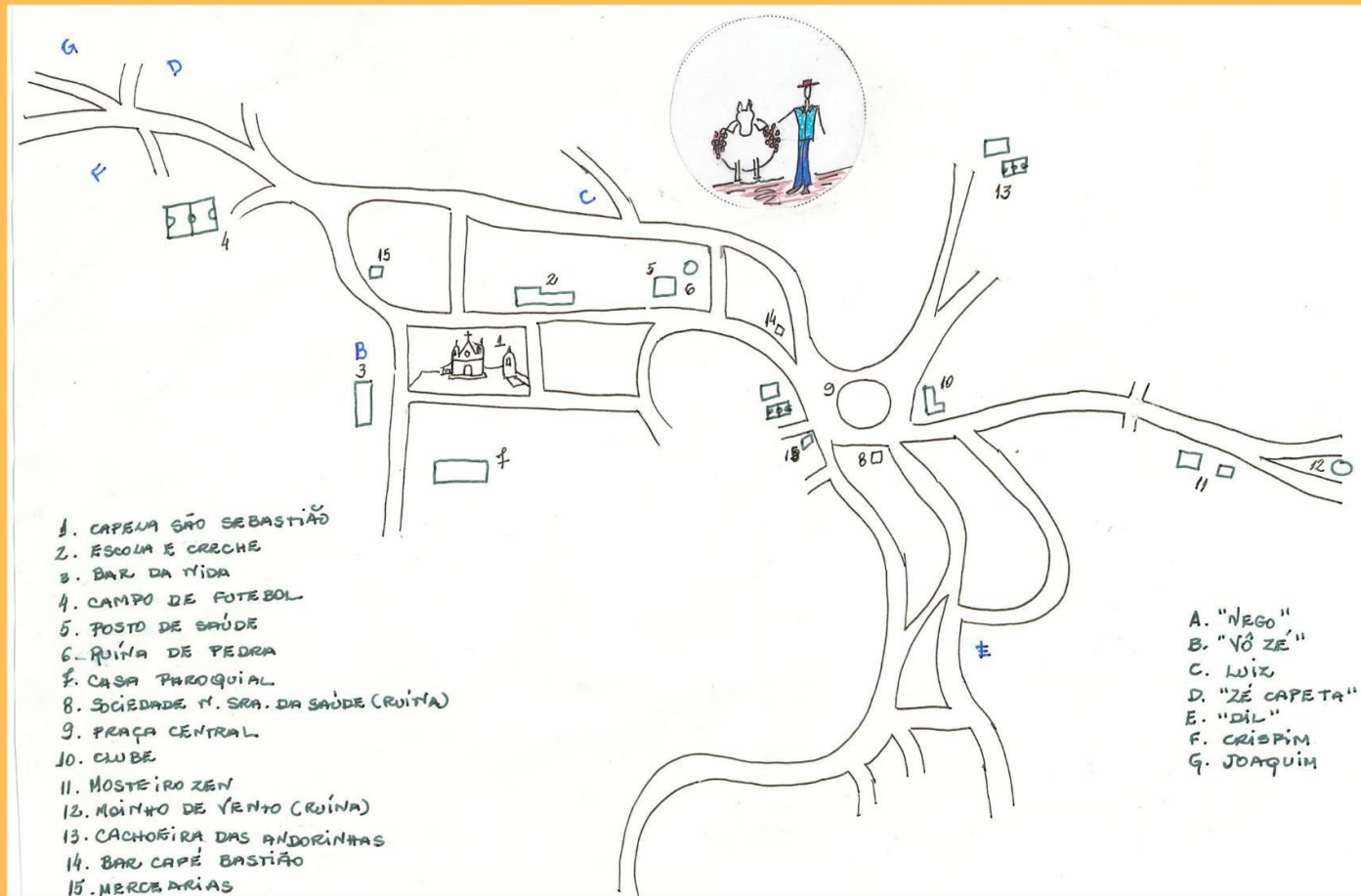
PROFISSÕES - COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO



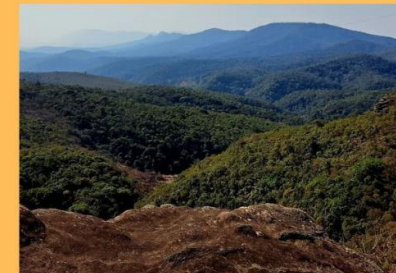
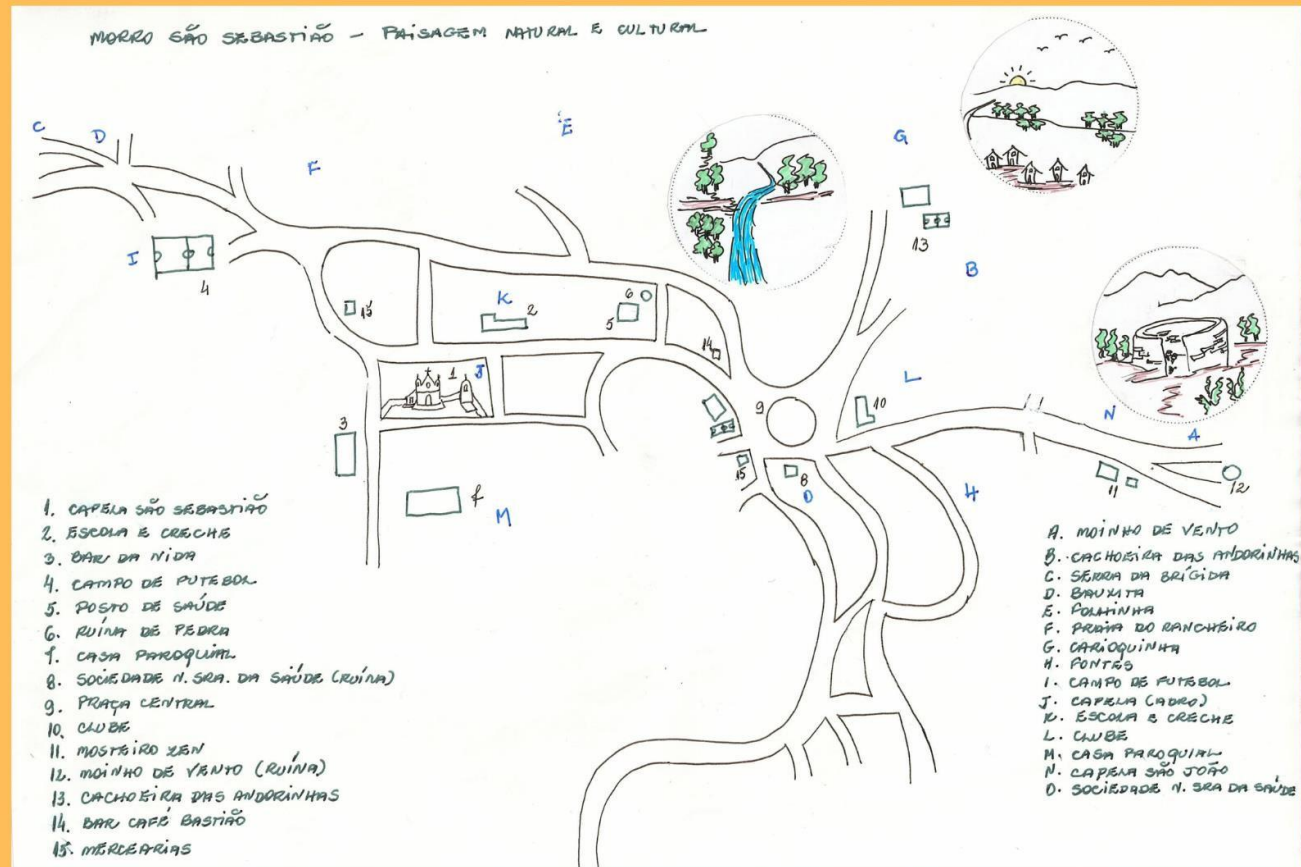
ARTESANATO - COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO



TROPEIROS - COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO



PAISAGEM NATURAL E CULTURAL- COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO



FESTAS RELIGIOSAS E PROFANAS - COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO

